

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

PGAUR-USJT

ANA CAROLINA BUIM AZEVEDO MARQUES

**RODRIGO LEFÈVRE E O ACAMPAMENTO DE
OBRA: UMA UTOPIA**

São Paulo 2022

ANA CAROLINA BUIM AZEVEDO MARQUES

RODRIGO LEFÈVRE E O ACAMPAMENTO DE OBRA: UMA UTOPIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, como exigência parcial para obtenção de título de Mestre, sob a orientação da Professora Doutora Ana Paula Koury.

São Paulo, 2022

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca da
Universidade São Judas Tadeu**

Bibliotecária: Marieta Rodrigues Brecht - CRB 8/10384

M357r Marques, Ana Carolina Buim Azevedo.
Rodrigo Lefèvre e o acampamento de obras / Ana Carolina Buim
Azevedo Marques. - São Paulo, 2022.
f. 85: il.; 30 cm.

Orientadora: Ana Paula Koury.
Dissertação (mestrado) – Universidade São Judas Tadeu, São
Paulo, 2022.

1. Rodrigo Lefèvre. 2. Arquitetura contemporânea Brasileira. 3.
Acampamento de Obras. 4. Paulo Freire I. Koury, Ana Paula. II.
Universidade São Judas Tadeu, Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD 22 – 720

Folha de Aprovação

Banca Examinadora:

Doutora Ana Paula Koury

Orientadora

USJT

Doutor Ricardo Medrano

Examinador

FAU-MACK

Doutora Andrea Tourinho

Examinadora

USJT

Cidades são aldeias mortas, desafio *nonsense*
Competição em vão que ninguém vence
Pense num formigueiro, vai mal
Quando pessoas viram coisas, cabeças viram
degraus

(Passarinhos - Emicida feat. Vanessa da Mata)

Dedicatórias

Eu gostaria de dedicar este trabalho à quatro pessoas:

Ao professor Antônio Carlos Sant'Anna Jr., que me acompanha desde meu primeiro ano como estudante de Arquitetura, que me apresentou e inspirou a conhecer melhor sobre Lefèvre;

À professora Ruth Verde Zein, que me inspirou a seguir como pesquisadora em Arquitetura e que tem me inspirado dia após dia como arquiteta;

À professora Ana Paula Koury, quem se tornou a melhor professora com quem tive a honra de aprender e que é, sem dúvidas, uma das mulheres mais inspiradoras que já conheci;

E, por fim, dedico esse trabalho a Rodrigo Brotero Lefèvre, o arquiteto cuja a fibra ética e moral reverbera volumes em um silêncio culposos entre os arquitetos e que mudou não apenas a mim, mas todos os que tiveram a chance de conhecê-lo - mesmo que através de suas palavras e seu legado.

Agradecimentos

À Universidade São Judas Tadeu, a oportunidade de integrar o Programa de Pós-Graduação e também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa integral, que me permitiu participar do mestrado.

À revista Arq.Urb, com a qual tive a oportunidade de trabalhar em 2020, na edição especial sobre Arquitetura Nova ao lado das coordenadoras Dra. Andréa Tourinho e Dra. Eneida de Almeida e, também, aos funcionários do Programa de Pós-Graduação, por serem tão solícitos durante esse conturbado período de pandemia;

Ao coordenador do programa Prof. Dr. Fernando G. Vázquez, com quem trabalhei ao longo desses anos, em distintos momentos e também ao Núcleo Domocomo São Paulo;

Aos professores, que fizeram parte da minha educação e, principalmente, aqueles que compõem minha banca: Profa. Dra. Andréa Tourinho e Prof. Dr. Ricardo Medrano;

Às minhas companheiras Cristina Silveira Melo e Jéssica Nemeti, pelas trocas e conversas nessa jornada;

À minha família, que tem me incentivado a construir esse caminho como pesquisadora e me deu muitas oportunidades para que eu pudesse navegar por esse percurso de maneira mais calma;

Ao grupo de estudos TF/TK Translating Sérgio Ferro, pelos debates sobre Arquitetura Nova e os textos de Sérgio Ferro que tanto contribuíram para essa dissertação;

Ao professor Dr. Fernando Lara, pela oportunidade de escrever sobre Rodrigo Lefèvre e Paulo Freire e aos professores Dr. José Lira e Dr. José Marcos de Almeida Lopes, pela oportunidade de acompanhar as aulas na Universidade de São Paulo sobre a Arquitetura, Historiografia e Crítica: os Estudos sobre Produção;

Ao professor Nestor Goulart Reis Neto e ao arquiteto Ronaldo Duschenes, que me deram a oportunidade de conversar sobre Rodrigo Lefèvre, ao cederem entrevistas sobre o arquiteto;

A Milton Nuevo Neto, que cuidou de mim durante esses últimos cinco anos e tem sido uma referência durante toda essa caminhada;

E, por fim, gostaria de agradecer minha orientadora Ana Paula Koury, a melhor pesquisadora e professora que já conheci.

Resumo

A dissertação "Projeto de Acampamento de Obra: Uma Utopia" foi apresentada por Rodrigo Lefèvre em 1981 para o programa de pós-graduação da FAUUSP. Neste trabalho, Lefèvre analisou os estudos de antropólogos urbanos acerca do movimento de migração rural-a-centros urbanos e as atividades sociais, políticas e econômicas dos migrantes. O objetivo dessa dissertação é esclarecer o trabalho de Rodrigo Lefèvre a partir da contribuição dos autores que fundamentaram sua dissertação e a interpretar proposta do Acampamento de Obras, para lançar luz sobre a metodologia e a pedagogia adotada por Lefèvre na proposta. Com uma análise da bibliografia primária — a mesma que fundamentou Rodrigo Lefèvre — e da secundária, a que se criou a partir da dissertação do arquiteto, procuramos compreender o assunto, contextualizando o autor em sua época e recriando os caminhos da proposta de sua dissertação chamada "Acampamento de Obra". Compreendemos, portanto, quem Rodrigo Lefèvre chamava de migrante e como a fundamentação teórica de antropólogos e sociólogos como de Eunice R. Durham, Michel Jules Thiéblot e Claudia Menezes construíram a sua identidade. Ainda, evidenciamos a presença de Paulo Freire na formação teórica do arquiteto e como este influenciaria sua metodologia e sua trajetória profissional. Rodrigo Lefèvre estava em diálogo com os textos a Casa Popular (1969) e o Canteiro e o Desenho (1979), de autoria de Sérgio Ferro, que procura dialogar com o parceiro e formular em o Acampamento de Obras, uma saída pedagógica para a relação de opressor-oprimido denunciada por Sérgio Ferro na crítica ao canteiro de obras.

Palavras-chave: Rodrigo Lefèvre; Arquitetura Contemporânea Brasileira; Acampamento de Obras; Paulo Freire.

Abstract

The thesis "Work Encampment Project: An Utopia" was presented by Rodrigo Lefèvre in 1981 for the postgraduate program at FAUUSP. In his work, Lefèvre studied social works, urban policies and rural migration movements. This dissertation is based on the work of Rodrigo Lefèvre and the contribution of the authors of the authors and to interpret the proposal of the Acampamento de Obras, to shed light on the methodology and pedagogy adopted by Lefèvre in his proposal. With an analysis of the primary bibliography — the same one studied by Rodrigo Lefèvre — and the secondary literature, we seek to understand the subject, contextualizing it in his time and recreating those of the proposal of his dissertation called "Work Encampment". We understand, therefore, who Rodrigo Lefèvre called a migrant and how the theoretical fonts of anthropologists and sociologists such as Eunice R. Durham, Michel Jules Thiéblot and Claudia Menezes built their identity. We highlight the presence of Paulo Freire as well as professional guidance in his methodology and professional training. It is concluded that Rodrigo Lefèvre was in dialogue with the texts of Casa Popular (1969) and Dessin/Chantier (1979) by Sérgio Ferro, looking for to dialogue with his former partner and formulating the Work Encampment, a pedagogical option for the oppressor-oppressed relationship denounced by Sérgio Ferro in the criticism of the construction site.

Keywords: Rodrigo Lefèvre; Brazilian Contemporary Architecture; Work Encampment; Paulo Freire.

Apresentação

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Universidade São Judas Tadeu, dentro da linha de pesquisa LP1 - Projeto, Produção e Representação, orientada pela Profa. Dra. Arq. Ana Paula Koury.

Este trabalho analisou o texto do arquiteto Rodrigo Brotero Lefèvre (1938-1984): "Projeto de Acampamento de Obra: Uma Utopia", apresentado à Universidade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (FAUUSP) em 1981, para o programa de Pós-Graduação e permaneceu inédito até que foi publicado em uma coletânea de textos do arquiteto chamada "Arquitetura Moderna Brasileira: Uma Crise em Desenvolvimento" em 2019, organizado por Koury e publicado pela Edusp.

Essa dissertação divide-se em um olho, três capítulos e uma conclusão. O olho: "O Canteiro", o 1º capítulo: "A cultura", o 2º capítulo: "O projeto", o 3º capítulo: "A pedagogia" e, por fim, a conclusão: "A utopia".

O texto inicial desta dissertação começa pelo "olho" e apresenta o poema escrito na edição da revista Novos Estudos publicada pela Cebrap em homenagem ao arquiteto após sua morte. O poema é o fechamento da nota do editor da revista Gabriel Bolaffi e foi escrito pelo poeta Héctor Olea, em 1985. Este poema é uma abordagem literária e poética da passagem do arquiteto Rodrigo Lefèvre pelo mundo e seu legado. Intitulado "O Canteiro", o poema apresentou a trajetória profissional, docente e a causa que o arquiteto defendeu por toda sua vida.

O primeiro capítulo apresenta seu trabalho chamado "O Acampamento de Obras: Uma Utopia". Esse trabalho é uma das últimas publicações formais de Lefèvre em vida e trata-se de uma proposta para a cidade de São Paulo. Nesse capítulo, foi apresentada a problemática enfrentada em sua dissertação, as questões de migração rural-urbanas e o fluxograma criado pelo arquiteto e que correspondia ao Acampamento de Obras. Ainda apresenta as maiores influências dentro de sua dissertação e como estas foram responsáveis pela sua fundamentação teórica e crítica a respeito dos movimentos migratórios para a cidade de São Paulo. Analisada, também, a abordagem dos autores que têm maior relevância no trabalho de Lefèvre e suas obras/pesquisas. Assim, o arquiteto apresentou o que foi absorvido e como a percepção de cultura (baseada nesses autores) pode ser entendida dentro do

Acampamento. Estes autores são: Eunice R. Durham, Michel Jules Thiéblot e Claudia Menezes.

O segundo capítulo apresenta o Acampamento de Obras e o fluxograma demonstra seu funcionamento. Esse será explicado parte por parte, por meio de intervenções feitas na peça gráfica que Lefèvre desenvolveu para ilustrar o Acampamento de Obras.

O terceiro capítulo fecha o trabalho com a pedagogia de Paulo Freire. O arquiteto introduziu em sua dissertação três obras do pedagogo e também alguns de seus conceitos e abordagens para criar um cenário de liberdade e de conhecimento horizontalizado. Nesse capítulo, foi necessário trazer um dos personagens apresentados por Lefèvre chamado de "Técnico de Grau Superior". Esse personagem ganhou importância na obra do arquiteto, já que é nele que sua mais ferrenha crítica é direcionada e é nele que os seus estudos sobre as mudanças na pedagogia devem ser aplicadas, essencialmente.

Por fim, a última parte do trabalho é a sua conclusão intitulada como A Utopia, na qual foram apresentadas as reverberações de seu legado e seu lugar dentro da literatura especializada, produzida a respeito do arquiteto e seus parceiros.

“O Canteiro”, 1985. Poema Por Héctor Olea

o de sempre:

a verdade
como o poema
quando não se conhece se vive

finalidade da vida:	seres vivos
finalidade da arte:	obras vivas

por exemplo:
projeto de acampamento de obra: UMA UTOPIA

suponha-se um momento
e ponha-se em movimento
toda uma máquina de imaginação
que habite o leitor
a habitar o poema

- instalar o canteiro

*um sim
simples
ensina não
palavras
RES NON
VERBA
do poema
A
simplicidade não tem
nome*

Transformar o canteiro de obra
onde se erguem
os barracos dos operários
numa espécie de escola:

- conhecer o operário

*um Geraldo
o “maçarico”
SOL DA SOLDA
saiu esta semana
da colônia

instituto/penal
para se integrar
à integridade da obra

autógena*

cujo eixo do mundo
manda traçar
uma linha reta
que atravessa
o centro vazio
/ até unir os pontos
(indo e vindo)
de qualquer lugar
a qualquer jeito

- alinhar os eixos

*Individualidade
é inseparável da
comunidade
tudo cresce
e opera
o poema
independentemente*

Um centro
de formação
de pedreiros
marceneiros
desenhista e
do próprio arquiteto

- abrir as valas

morreu
acidente
sábado

Todo projeto
de casa interior
passa por um estudo
preliminar
de história interna

- colocar os alicerces

Mar adentro
há conhecimento
a fundo
azul profundo
parece
metáfora da
fundação de perto

Na Guiné-Bissau
Projetos
de ampliação
hospitalar
Reconstrução Nacional

- erguer as paredes

ele é síntese
da contribuição
em negrito
em períodos de
negritude
(entre
parênteses)
além da prancheta
poesia
na militância
política
O MUNDO:

... paredes
De escuridão
Que aprisionam
A noite austera
Duma autoridade
E atos
Sem autores
Obra anônima

- formar a estrutura

“se não
existe a
possibilidade
De uma criação
coletiva
é preciso que ela
seja criada”

A Lição
AURA NA OBRA
aparição única
do longe

por mais próxima que esteja

- concretar

ANDARILHO
BOM

NENHUMA
PEGADA

minha perplexidade
assiste atônita
aos tantos tons
do fim plasmado do dia
o badalo da obra
descanso pasmado

- imprevistos

— O BRASIL PEDE ASILO DE SI MESMO —

- retirar formas

<i>QUERER :</i>	ser querência
<i>OPTAR:</i>	ser ruptura
<i>VOLTAR:</i>	ser revolta
<i>considera</i>	um problema
<i>o corpo como o</i>	não tanto de forças
<i>mundo</i>	como
	de aplicação
<i>ama o mundo</i>	de forças
<i>como seu próprio</i>	
<i>corpo</i>	

- chegar à cobertura

<i>só pelo</i>	para fazer cantar
<i>fato de não ter tido</i>	o ponto de apoio
<i>entendido</i>	é preciso
<i>é que me esforço</i>	de apoio
<i>questão de</i>	para que cante
<i>oferecer uma</i>	primeiro
<i>imagem:</i>	o canteiro
<i>dele /</i>	EUPALINOS

- chegar à cobertura

<i>só pelo</i>	para fazer cantar
<i>fato de não ter tido</i>	o ponto de apoio
<i>entendido</i>	é preciso
<i>é que me esforço</i>	de apoio
<i>questão de</i>	para que cante
<i>oferecer uma</i>	primeiro
<i>imagem:</i>	o canteiro
<i>dele /</i>	EUPALINOS

• fixar os vãos

uma janela
uma luz
uma porta
o acesso
perspectiva em
vão
uma crise
de identidade
Sim
não é
um arquiteto
que deixa
4 ou 5 casinhas
/

:

isto é:

deslocamento de pontos
 de vista outra vez
 de convergência ou talvez de fuga
 por trás do através
 onde posso detectar
 uma ordem
 uma regularidade
 simetrias e retornos
 eternos
 ante portas que se escancaram
 para ninguém e
 janelas que se fecham
 não se sabe por quê
 uma única saída
 o poema

convive-se
 enquanto não se reconhece
 como o problema
 de verdade

• habitar o poema

uma janela
uma luz
uma porta
o acesso
perspectiva em
vão
uma crise
de identidade
Sim
não é
um arquiteto
que deixa
4 ou 5
casinhas
/

:

isto é:

deslocamento de pontos
 de vista outra vez
 de convergência ou talvez de fuga
 por trás do através
 onde posso detectar
 uma ordem
 uma regularidade
 simetrias e retornos
 eternos
 ante portas que se escancaram
 para ninguém e
 janelas que se fecham
 não se sabe por quê
 uma única saída
 o poema

convive-se
 enquanto não se reconhece
 como o problema
 de verdade

princípio da vida: *entes*,
 finalidade da arte: *e não antes*

/ existência é insistência
 viver: *vital*

1. O Poema: Interpretação

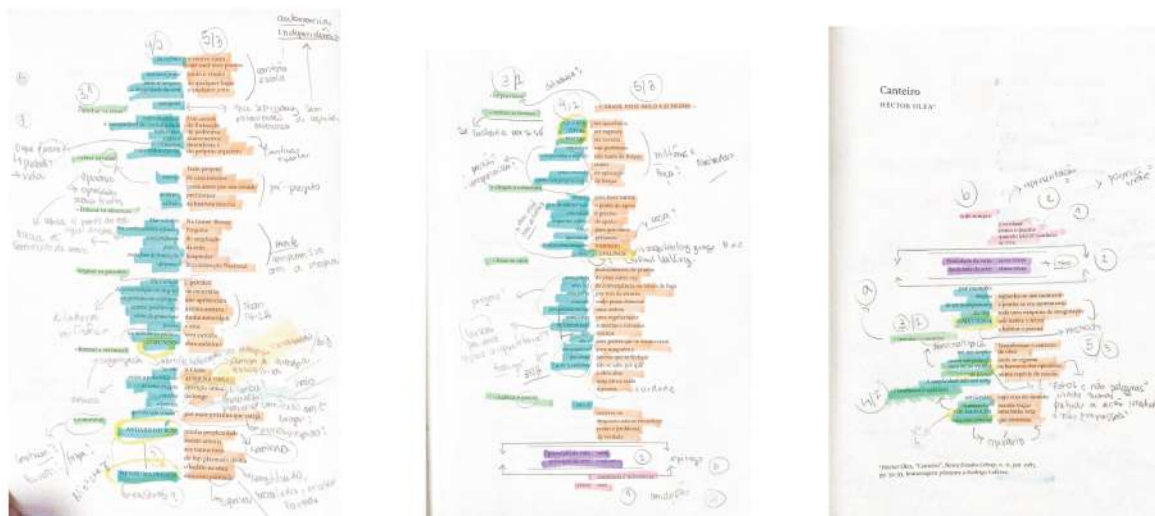


Figura 1: Análise do poema. Autoria da própria autora, feitas anotações para interpretação e compreensão do poema de Olea. 2020.

“O Canteiro” é um poema concreto de autoria de Héctor Olea, originalmente publicado na revista Novos Estudos Cebrap, nº 11 (1985, p. 32-33) ao final do texto de Gabriel Bolaffi. O número especial da revista é uma homenagem a Rodrigo Lefèvre que havia falecido alguns meses antes em um acidente automobilístico na Guiné Bissau.

O Poema organiza-se em três colunas e pode ser lido em diferentes direções. Essas mesmas colunas possuem elos entre si.

O poema apoia-se em marcos da história do arquiteto. Poemas concretos possuem sua força na palavra e no vazio da página, compostos como elementos gráficos. Héctor Olea parece ter escolhido a forma justamente para enfatizar a transcendência de Rodrigo Lefèvre, ao invés de escrever uma nota ou mesmo uma homenagem em texto corrido.

A estrutura do poema é complexa. Existem três colunas principais e uma pequena cadeia que está subentendida dentro da segunda coluna e pode ser identificada com as palavras em caixa-alta. A desconstrução do poema pode ser feita da seguinte maneira:

- Na primeira coluna, que chamaremos de coluna “A”, o poeta evoca a construção. Apesar de A estar à frente de B, o poema não começa por A e sim por B; na primeira parte. B e C são Rodrigo, mas não apenas ele, pois o poema é influenciado

como a visão de Olea ao seu respeito e também a citação da literatura com apoio, sobrepondo intencionalmente essas imagens para o leitor.

O poema é constituído por 6 partes. As parte 2 e 5 possuem um elemento gráfico, duas linhas, que os separa do resto do corpo textual, dando destaque ao que está preso entre elas. Já as partes 1 e 7, que antecedem e precedem as caixas 2 e 6, são essenciais para o entendimento de palavras-chaves na parte 3, 4 e 5.

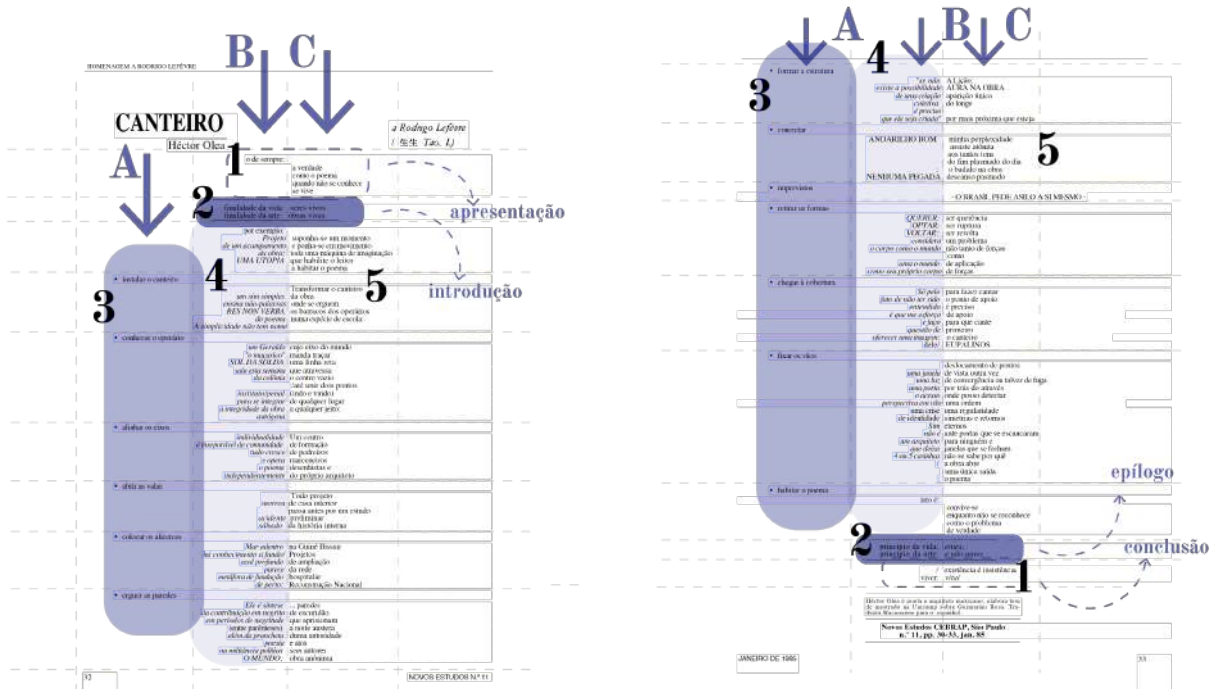


Figura 2: Análise do poema. Autoria da própria autora, separando-o em cores diferentes para melhor compressão do conteúdo literário e gráfico. 2021.

2. O Poema: Análise

A primeira parte (parte 1), começa na coluna B e C:

o de sempre:

a verdade
como o poema
quando não se conhece se vive

A apresentação é também a conclusão. Será lembrado na parte 7. A parte 2 também começa nas colunas B e C, compreendidas entre duas linhas (elemento gráfico):

finalidade da vida: seres vivos

finalidade da arte: obras vivas

A próxima parte, a 3, começa pela coluna B igualmente:

por exemplo:

projeto de acampamento de obra:
UMA UTOPIA

suponha-se um momento
e ponha-se em movimento
toda uma máquina de imaginação
que habite o leitor
a habitar o poema

A dissertação de Rodrigo Lefèvre, “Projeto de Acampamento de obra: Uma utopia”, de 1981, foi uma resposta do arquiteto aos estudos do Cebrap, e também, de suas inquietações como profissional e uma busca por um novo arquiteto. O momento é o “momento de transição”, que Rodrigo aponta em seu trabalho, o da migração de nordestinos para Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) e o movimento pode ser o mestrado por si só. “A verdade como poema quando não se conhece se vive”. A verdade seriam os estudos do Cebrap e que Rodrigo Lefèvre ajudaria o “leitor” a tomar conhecimento ao escrever sua dissertação.

Pela primeira vez, a coluna A aparece e, como dito antes, ela é uma ode à construção. Em forma de lista e com o símbolo “•”. Sua sequência é:

*Instalar o canteiro / conhecer o operário / alinhar os eixos / abrir as
valas / colocar os alicerces / erguer as paredes / formar a estrutura*

*/ concretar / imprevistos / retirar as formas / chegar à cobertura /
fixar os vãos / habitar o poema.*

Parece uma linha racional de como uma obra começa e termina, exceto pelo final. Se não for entendida, a construção do poema como todo, a parte “habitar o poema” torna-se solta, como se não pertencesse ao mesmo conjunto de frases da coluna A.

A primeira parte constrói-se da seguinte maneira:

• instalar o
canteiro

*um sim simples
ensina não
palavras
RES NON VERBA
do poema
A simplicidade
não tem nome*

Transformar o canteiro de obra
onde se erguem
os barracos dos operários
numa espécie de escola:

Instalar o canteiro: primeiro passo em uma obra. Entretanto, não é apenas essa a intenção de introdução. Na coluna B, temos então “um sim simples / ensina não palavras / RES NON VERBA / do poema / a simplicidade não tem nome”, que poderia ser entendido da seguinte maneira: ensina-se fazendo. *RES NON VERBA* vem do latim e significa: “fatos e não palavras”. Trata-se de não apenas dar ordens, mas “ensinamentos”. Lembrando que poema remete a “verdade”; então, “ensinar a ação imediata da verdade”. Ensinar a construir o canteiro, a democratização pleiteada pelo Grupo Arquitetura Nova.

“A simplicidade não tem nome” é ambíguo por dois motivos: pode fazer menção ao conceito da Poética da Economia, apresentado por Rodrigo Lefèvre e Sérgio Ferro no texto “Proposta inicial para um debate: possibilidades de atuação”:

Assim é que do mínimo útil, do mínimo construtivo e do mínimo didático necessários, tiramos [...] as bases de uma nova estética que poderíamos chamar a poética da economia, do absoluto indispensável, da eliminação de todo o supérfluo, da economia de meios para formulação da nova linguagem, para nós, inteiramente estabelecida nas bases da nossa realidade histórica” (KOURY, Ana Paula. 2002. p. 61.)

Ou como uma referência ao informal modo de agradecer alguém por algo imensurável. “A simplicidade não tem nome” pode ser relacionado ao seu valor inestimável, conectando-se diretamente à ideia da Poética da Economia já que esta é construída sem o supérfluo, mantendo-se pura e essencial.

A coluna C explica a coluna B. Canteiro-escola.

• conhecer o operário	<i>um Geraldo</i> <i>o “maçarico”</i> SOL DA SOLDA <i>saiu esta semana</i> <i>da colônia</i> <i>instituto/penal</i> <i>para se integrar</i> <i>à integridade da</i> <i>obra</i> <i>autógena</i>	cujo eixo do mundo manda traçar uma linha reta que atravessa o centro vazio / até unir os pontos (indo e vindo) de qualquer lugar a qualquer jeito
--------------------------	--	--

A: apresentação do tema “operário”. Um Geraldo, na coluna B, poderia ser um “José”, “João”... Um nome comum no território brasileiro. Já “o maçarico / SOL DA SOLDA” é uma ferramenta de obra e foi desconstruída por efeito poético. O Sol pode ser o brilho do fogo ao encontrar o ferro, enquanto SOL DA SOLDA pode ser lido como uma ação ou um pronome.

Colônia pode remeter ao período do Brasil Colônia, o Nordeste. A classe operária, que servia São Paulo, era constituída por grande parte de nordestinos, assim: “saiu essa semana”, migrou para São Paulo. Passa, então, a trabalhar com Lefèvre, Império e Ferro, no canteiro, onde “autógena” é escrita após um espaçamento branco (pausa) definindo autonomia, a independência do operário uma vez que ele foi incluído e faz parte do processo como agente ativo e não passivo.

Já a coluna C faz menção à transformação desse indivíduo em uma analogia com um instrumento de obra, o eixo. Essa parte do poema “cujo eixo do mundo / manda traçar / uma linha reta / que atravessa / o centro vazio / /até unir os pontos / (indo e vindo) / de qualquer lugar a qualquer jeito” pode ser a visão da ordem estabelecida dos operários de obras. O *modus operandis* o coloca nessa carreira, como migrante, um eixo que não tem pretensão de desviar do caminho (“a linha reta”).

“Conhecer o operário” vem do entendimento que Lefèvre estava interessado em mudar o canteiro, transformando-o em local de aprendizado, ao invés da exploração da

força de trabalho, que desqualificava a contribuição intelectual dos operários por não terem a formação da cultura burguesa. Isso está presente na tese de Lefèvre, no Capítulo III. Processos de “substituição”, “absorção” e “preservação da cultura do povo pela cultura de massa e erudita (1981). “De qualquer lugar / a qualquer jeito” vem a ser entendido das condições precárias desses trabalhadores, uma vez que em entrevista, Sérgio Ferro diz que:

A ideia de ‘Arquitetura Nova’ é mostrar o que se passa entre o desenho arquitetônico e o edifício realizado, isto é, o canteiro de obras, o mundo infernal da construção civil. São os trabalhadores os que mais fornecem riqueza ao país e ao mesmo tempo os que mais sofrem com acidentes de trabalho e com as doenças mais prejudiciais. Há um contraste entre a riqueza que eles produzem e as condições nas quais eles produzem essas riquezas. (FERRO, Sérgio. 2019)

• alinhar os eixos

*Individualidade
é inseparável da
comunidade
tudo cresce
e opera
o poema
independentemente*

Um centro
de formação
de pedreiros
marceneiros
desenhista e
do próprio arquiteto

Novamente, na coluna A, uma ação direta dentro da ordem da “lista”, o próximo passo.

Na coluna B, a comunidade é o meio civil, nesse contexto. Em entrevista de 1998, Ferro diz:

Nenhuma etapa construtiva se sobrepõe a outra de maneira a destruí-la. Todas as etapas são evidenciadas. Há quase um certo lirismo, pois cada corpo produtivo pode se expressar com a sua autonomia, no melhor dos seus possíveis. Eu comparava essa poética com o jazz, onde tem cinco, seis, até dez músicos, que tocam uma só música, mas cada um deles pode fazer um solo todo o virtuosismo que é capaz, sem que isso destrua o conjunto ou que cada um deles desapareça na massa. (KOURY, Ana Paula. 2002. p. 64.)

Supõe-se que a “individualidade” escrita por Héctor Olea pode ser a autonomia de cada “corpo produtivo”, como Ferro aponta, sem distinção de títulos. Este relaciona-se com a coluna C, que novamente retoma a ideia de canteiro-escola, “um centro de formação” para todos os membros da “comunidade”.

• abrir as valas

morreu

acidente
sábado

Todo projeto
de casa interior
passa por um estudo
preliminar
de história interna

Este trecho menciona a morte do arquiteto e “abrir as valas” está em plural, significando que o poeta o coloca ao lado dos operários de obra, na organização horizontal que Rodrigo e o Grupo Arquitetura Nova defendiam. Vala é buraco usado tanto para sapata e fundações, como também para sepulturas, normalmente destinadas a indigentes, que se associa à crítica do grupo ao tratamento desumano dos operários.

Na coluna B “morreu / acidente / sábado” é o dia de falecimento do arquiteto, que sofreu um acidente em 9 de junho de 1984, um sábado. Lefèvre foi até Guiné-Bissau para construir o sistema de saúde público daquele país recém-liberto e lá faleceu, mas fez algo que acreditava. “Todo projeto / de casa interior / passa por um estudo / preliminar / de história interna” na coluna C pode ser entendido que o “pré-projeto”, ou seja, os ideais de Rodrigo já estavam consolidados.

• colocar os
alicerces

Mar adentro
há conhecimento
a fundo
azul profundo
parece
metáfora da
fundação de perto

Na Guiné-Bissau
Projetos
de ampliação
hospitalar
Reconstrução Nacional

O arquiteto possuía conhecimento abrangente e era ativo politicamente. Este trecho pode ser atribuído a intempestividade de seu caráter. Ferro, em 2019, diz que “Rodrigo sempre foi mais rigoroso e intransigente em suas posições essenciais, o que o tornava menos “sociável”, mais ríspido nas respostas às provocações.” Olea também alega que há conhecimento a fundo, o que reforça o rigor do arquiteto e traz novamente o azul profundo que remete a Fernando Pessoa em O Infante:

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce

Deus quis que a terra fosse toda uma,
 Que o mar unisse, já não separasse.
 Sagrou-te e foste desvendando a espuma,
 E a orla branca foi de ilha em continente,
 Clareou, correndo, até ao fim do mundo
 E viu-se a terra inteira, de repente,
 Surgir, redonda, do azul profundo.
 (O Infante, Fernando Pessoa. 1934)

Nesse contexto, podemos entender sobre os reconhecimentos de portugueses de novas terras durante o Renascimento. Assim, não apenas o Brasil ou a Índia, como alguns novos lugares do continente africano, local onde Rodrigo Lefèvre faleceu.

Coluna C aborda isto.

• erguer as paredes

*ele é síntese
 da contribuição em
 negrito
 em períodos de
 negritude
 (entre parênteses)
 além da prancheta
 poesia
 na militância política
 O MUNDO:*

... paredes
 De escuridão
 Que aprisionam
 A noite austera
 Duma autoridade
 E atos
 Sem autores
 Obra anônima

Essa parte remete ao período de resistência militar do arquiteto, assunto que voltará em outras trechos do poema. A coluna B concede um caráter heróico ao arquiteto. A frase “contribuição em negrito” revela a força de sua jornada militante. A palavra “negrito” refere-se, segundo ao dicionário, aquele que apresenta traços mais grossos que o normal, para dar mais destaque a palavra. No contexto, destaque a atuação de Rodrigo.

Na próxima frase “em períodos de negritude” esclarece que se trata do período de Ditadura Militar e “negritude” aproxima-se da Idade Média e Inquisição, uma referência ao “período das trevas, a ausência de luz.” Vale lembrar que a discussão sobre a abolição do termo “período negro”, “negritude” e “trevas” é recente e, portanto, não caracteriza um preconceito intencionalmente racial aqui, uma vez que o poema é de 1985.

Ainda na coluna B, Olea declara que Rodrigo não deixou de exercer suas atividades quanto arquiteto, mas as condensou junto a sua militância em sua “agressão mais contundente”. A coluna C, por fim, é uma metáfora durante o período de um ano em que Rodrigo foi aprisionado na OBAN (Operação Bandeirante).

• formar a
estrutura

*“se não
existe a
possibilidade
De uma criação
coletiva
é preciso que ela
seja criada”*

A Lição
AURA NA OBRA
aparição única
do longe

por mais próxima que esteja

Enquanto Sérgio Ferro dizia-se marxista, Rodrigo Lefèvre era conhecido como freiriano. A ideia de canteiro-escola tornou-se uma das maiores frentes em sua atuação. Esse trecho também remete a sua tese Projeto de Acampamento: Uma Utopia, defendida em 1981.

Na coluna A, “formar a estrutura”, refere-se ao esqueleto de qualquer construção. É a base, deste modo, quando frágil, uma construção não se sustenta sozinha. Ao estruturar uma forma de atuação coletiva, Rodrigo Lefèvre estava tornando-a democrática.

Ao mesmo tempo, a palavra “formar” também tem duplo sentido: forma — aplicada a construção civil — e forma de “moldar”, transformar algo; além de ser usado para “graduar” e educar.

A notória frase da coluna B é uma das mais célebres do arquiteto e ela é a melhor síntese de sua atuação. Enquanto a coluna C é justamente a tradução do canteiro-escola, mencionando Walter Benjamin em “A Obra de Arte na era de sua reprodutibilidade técnica”:

O conceito de aura permite resumir essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica de reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido. Esses dois processos resultam num violento abalo da tradição, que constitui o reverso da crise atual e a renovação da humanidade. (BENJAMIN, Walter. 1994. p. 168-169)

• concretar

ANDARILHO
BOM

minha perplexidade
assiste atônita
aos tantos tons
do fim plasmado do dia
o badalo da obra
descanso pasmado

NENHUMA
PEGADA

Na coluna A, o verbo “concretar”. Construir, solidificar... Despejar o concreto, dando rigidez a forma. Já na coluna B, novamente uma menção à literatura, agora o filósofo Friedrich Nietzsche, em um conto chamado “O Andarilho e sua Sombra”, do livro Humano, Demasiado Humano de 1878. A Sombra de Olea seria sua perplexidade, na Coluna C, enquanto o Andarilho seria o arquiteto, na coluna B. Ainda, “nenhuma pegada” pode se dar ao fato de que Rodrigo Lefèvre é dito como alguém sem interesse em publicar em demasia.

• imprevistos

— O BRASIL PEDE ASILO DE SI MESMO

Na coluna A, “imprevistos” remete a interrupção de sua atividade uma vez que passou um ano de sua vida em cárcere na Operação Bandeirantes. Ainda, em uma crítica, na coluna C, o poeta traz a frase “O BRASIL PEDE ASILO DE SI MESMO”, o que reforça a ideia de que o imprevisto está ligado ao período de regime militar.

• retirar formas

QUERER :	ser querência
OPTAR:	ser ruptura
VOLTAR:	ser revolta
<i>considera</i>	um problema
<i>o corpo como o</i>	não tanto de forças
<i>mundo</i>	como
	de aplicação
<i>ama o mundo</i>	de forças
<i>como seu próprio</i>	
<i>corpo</i>	

“Retirar as formas” remete à etapa da obra onde o concreto curou. Já na coluna B e C, nota-se uma menção às abóbadas e ao seu processo construtivo. A princípio, pode-se observar os três verbos em destaque: querer, optar e voltar. Esses apontam à “originalidade” de Rodrigo Lefèvre e aos colegas em não aderir a tendências e modismos, utilizando uma técnica ancestral com novos propósitos que atendiam às demandas da Arquitetura Nova.

Na coluna B, “considera / o corpo como o mundo / / ama o mundo” menciona a estrutura plena desse tipo de construção como um corpo, algo que se auto-sustenta e funciona de uma maneira absoluta em conjunto. A coluna C brinca com a palavra “problema” já que por consequência, procura-se uma solução; mas não se trata do cálculo matemático e sim a resolução da opressão do canteiro de obras.

• chegar à cobertura

*só pelo
fato de não ter tido
entendido
é que me esforço
questão de
oferecer uma
imagem:
dele /*

para fazer cantar
o ponto de apoio
é preciso
de apoio
para que cante
primeiro
o canteiro
EUPALINOS

Na coluna A: o chegar à cobertura é uma das etapas finais da obra. Em seguida, na coluna B, Olea coloca-se em 1ª pessoa, participa ativamente da narrativa e é atrevido ao dizer que o leitor talvez não tenha entendido quem Rodrigo Lefèvre, por isso ele se esforça nesse poema.

EUPALIANOS, na coluna C, é uma referência dentro da literatura. Eupalianos ou o Arquiteto é um livro escrito por Paul Valéry em 1921, que narra o diálogo imaginário entre Sócrates e Fredo, a respeito da criação artística e da arquitetura. No prefácio de apresentação do livro na edição brasileira, Joaquim Guedes escreve:

"Ora, de todos os atos, o mais completo é o de construir. Uma obra exige amor, meditação, obediência ao teu mais belo pensamento, invenção de leis pela tua alma, e muitas outras coisas que ela extrai maravilhosamente de ti e que não suspeitavam possuir." (GUEDES, Joaquim opud VALÉRY, Paul. 1999. p. 15.).

Ainda, cita outra frase de Valéry, que também poderia se encaixar na história de Rodrigo Lefèvre e Vilanova Artigas, considerando ser uma relação de respeito e admiração entre os dois, mesmo que distinta enquanto trajetória profissional:

"Mas qual é o teu próprio pensamento?" Quem copia não sabe nada. Por isso, aluno não tem guru. Tem que ser voraz e rebelde. Tem que negar os mestres. Tem que amá-los, ouvi-los, sugá-los e destruí-los dentro de si, para aprender a construir seu caminho... " (GUEDES, Joaquim opud VALÉRY, Paul. p.16. 1999).

Já próximo ao final, Olea constrói seu maior trecho. Aqui, Rodrigo Lefèvre distancia-se do estereótipo propagado da época, torna-se único, reforçando o que poeta tenta descrever no poema. Rodrigo Lefèvre separa-se dos demais, ao dizer que não é um "arquiteto que deixa 4 ou 5 casinhas" e eleva sua obra a outro patamar. É ácido em como joga as palavras: "perspectiva em vão", comenta da crise de identidade quando tira o *itálico* da palavra e "sim" afirma sua visão a respeito do arquiteto.

Na coluna C, Olea constrói o processo de desenvolvimento e progressão de Rodrigo Lefèvre e chega ao final escrevendo: "a única saída / o poema". Poema para o poeta é "a verdade"; conectando-se com a realidade e a Poética da Economia.

• fixar os vãos

uma janela
uma luz
uma porta
o acesso
perspectiva em
vão
uma crise
de identidade
Sim
não é
um arquiteto
que deixa
4 ou 5 casinhas
/

deslocamento de pontos
de vista outra vez
de convergência ou talvez de fuga
por trás do através
onde posso detectar
uma ordem
uma regularidade
simetrias e retornos
eternos
ante portas que se escancaram
para ninguém e
janelas que se fecham
não se sabe por quê
uma única saída
o poema

:

isto é:

convive-se
enquanto não se reconhece
como o problema
de verdade

"Convive-se / enquanto não se reconhece / como o problema / de verdade" diferencia-se do "a verdade / como poema / quando não se conhece / se vive", pois "reconhecer-se" apoia-se no método freiriano de democratização e "convive-se" contrapõe-se a ideia de "viver", uma vez que tolera porém não compreende.

princípio da vida: *entes*,
finalidade da arte: e não antes

/ existência é insistência
viver: *vital*

O final do poema tem um fechamento gráfico, espelhado no começo. As duas linhas contínuas que resumem o princípio da vida e a finalidade de arte. Entes: pais e Não Antes como a originalidade do arquiteto em tela.

As duas frases finais fecham o texto, apresentando Rodrigo Lefèvre como alguém obstinado e fiel aos seus ideais, insistindo em viver, existindo por fim.

Sumário

Resumo	8
Abstract	9
Apresentação	10
“O Canteiro”, 1985. Poema Por Héctor Olea	12
1. O Poema: Interpretação	15
2. O Poema: Análise	17
Lista de tabelas	27
Lista de abreviaturas e siglas	28
Sumário	29
Introdução: Crítica ao Canteiro (1979) x O Acampamento de Obras (1981)	32
01: A Cultura do Acampamento de Obras	35
1.1. O Mestrado e a sua organização formal	35
1.2. A questão da migração interpretada por Lefèvre	37
1.3. A cultura rural-urbana, folclore e a Antropologia Urbana	43
1.3.1. Eunice Ribeiro Durham	43
1.3.2. Claudia Menezes	44
1.3.3. Marcel Jules Thiéblot	46
02: Entendendo O Acampamento de obras de Rodrigo Lefèvre	49
Entendendo o Fluxograma	49
2.1. A representação gráfica	50
2.2. As entradas no Acampamento/Sistema	53
2.3. As saídas no Acampamento	54
2.4. A cultura incorporada no Acampamento	56
2.5. Qual era a Utopia adotada por Lefèvre	58
2.6. O papel do Estado no Acampamento	60
2.7. Programa de Ensino/Trabalho	62
2.8. Discussão das prioridades e possibilidades	64
2.9. Exposição e proliferação do que foi aprendido no Acampamento	65
03: A pedagogia do Acampamento	67
A influência de Paulo Freire e sua pedagogia na dissertação Rodrigo Lefèvre	67
3.1 O técnico no acampamento	67
3.2. Paulo Freire	70
Conclusão: A Utopia	72
Referências	76

Apêndices	78
Anexo	79

Lista de ilustrações

Figura 1. Análise do poema. Autoria da própria autora, sendo feitas anotações para interpretação e compreensão do poema de Olea. 2020.

Figura 2. Análise do poema. Autoria da própria autora, sendo feitas anotações para interpretação e compreensão do poema de Olea. 2020.

Figura 3. Mancha Urbana que apresenta o crescimento do município de São Paulo. Fonte: GROSTEIN, M. D. A cidade clandestina: os ritos e os mitos. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 1982-1987.

Figura 4. Modelo de uma produção, na época de transição. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981.

Figura 5. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenções da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 6. Destaque nas atuações dentro do Fluxograma. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenções da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 7. Destaque na atuação do Estado, Acampamento e Meio Urbano. Modelo de uma produção, na época de transição. XXX Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 8. "Entradas" dentro Fluxograma. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 9. "Saídas" dentro Fluxograma. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 10. Destaque para o aparecimento da "Cultura" no sistema. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 11. Recorte e ampliação do lugar do Estado no fluxograma. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 12. Aspectos da produção e armazenagem de elementos pré-fabricados. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981.

Figura 13. A diferença entre as relações de discussão e de execução. Corte elaborado pela autora pelos escritos de Lefèvre. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 14. Corte transversal elaborado pela autora pelos escritos de Lefèvre. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 15. Corte longitudinal elaborado pela autora pelos escritos de Lefèvre. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Figura 16. Quadro de sistema de decisões. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981.

Figura 17. Destaque para o quadro de resultantes dentro do sistema. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Lista de tabelas

Tabela 1. Tabela com os autores contabilizados dos capítulos 03, 04 e 05, comprovando a influência do meio de intelectuais da antropologia urbana.

Lista de abreviaturas e siglas

CEBRAP: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento;

CEDEC: Centro de Estudos da Cultura Contemporânea;

RMSP: Região Metropolitana de São Paulo;

SP: São Paulo;

USP: Universidade de São Paulo;

FAUUSP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo;

RBL: Rodrigo Brotero Lefèvre;

E quest'è il fiore del partigiano

Morto per la libertà

*E essa será a flor da resistência,
daquele que morreu pela liberdade.*

Introdução: Crítica ao Canteiro (1979) x O Acampamento de Obras (1981)

No período em que Rodrigo Brotero Lefèvre e seus colegas formavam-se, na década de 1960, o ápice dos debates sobre o desenvolvimento brasileiro consolidava-se. Diante das críticas a respeito do formalismo institucional descomprometido com seus meios efetivos de produção (KOURY, 2005), o caráter crítico desses novos arquitetos recém-formados era estruturado diante da construção de Brasília e as condições precárias em que esses trabalhadores se encontravam na obra.

O impacto da construção da capital do Brasil reverberou por todo o território nacional e levantou críticas, indagações e questionamentos a respeito da industrialização e da modernização dos meios de produção. Enquanto para alguns a sua construção monumental marcava uma nova era no campo da arquitetura, para outros essa construção era passível de crítica por ser uma oportunidade perdida diante da possibilidade de industrialização e de pré-fabricados (KOURY, 2005).

Para os arquitetos como Lefèvre, Sérgio Ferro e Flávio Império, além dessas críticas, o posicionamento político deles a respeito dos meios de trabalho marcou suas carreiras nas produções intelectuais e suas metodologias ao construir.

A crítica ao canteiro de obras elaborada por Lefèvre e Ferro tinha uma preocupação generalizada frente à crescente urbanização do país na década de 60. Isso acarretava uma discussão que incluía a industrialização da construção e do planejamento, pensados como aspectos distintos do mesmo problema da expansão do território urbanizado (KOURY, 2005).

Essa crítica foi melhor desenvolvida por Ferro em seu texto *O Canteiro e o Desenho*, publicado em 1977, que tem como origem em outro texto de 1969-1972, *A Casa Popular*. Esse texto fundamentou-se na pesquisa de Carlos Lemos (1969) sobre as casas populares na cidade de São Paulo e já observava a dinâmica da construção de abrigos pelos operários de obras. Na primeira parte do texto, Ferro detalhou em sub-tópicos a construção: Construtor — Materiais — Técnica — Produto — Uso — Valor de Uso Social.

Na segunda parte, Ferro apresenta o seu preço/valor e aborda Marx para então caracterizar como esse abrigo seria posicionado dentro da lógica do Capital. O abrigo não possui valor comercial, uma vez que são feitos em condições precárias e não

ostentam absolutamente nada. Servem apenas para proteção, pois possíam o elementar e o indispensável (um banheiro, uma cozinha e um quarto, na maior parte das vezes). Contudo, tornam-se falhos sob a ótica de higiene e salubridade e transforma o espaço em precário, livre de qualquer fetiche e um retrato da própria existência do operário. A partir desse ponto, o texto desenvolveu-se em forma de crítica à mansão, ao burguês e à privatização.

Lefèvre participou da construção da crítica, já que se encontrava em constante diálogo com Ferro, mas ainda, em um próximo passo, guiou-se em sua própria individualidade e desenvolveu sua pesquisa. Essa se encontra em sua dissertação de mestrado defendida em 1981, *Um projeto de Acampamento de Obras: uma Utopia*.

Apesar de nítida a diferença entre os dois trabalhos, essa não foi apresentada por nenhum autor até então e deixa uma lacuna a ser preenchida na historiografia da arquitetura brasileira. Ambos trabalhos dialogam entre si, mas possuem propostas, pontos de vistas e abordagens diferentes para lidar com a opressão dentro do canteiro de obras.

O Canteiro e o Desenho de Ferro estudou mais profundamente as noções de trabalho dos operários, a alienação através do desenho e de como o projeto pode ser usado para invisibilizar quem o executa. Assim, Ferro denunciou a opressão do trabalho através do desenho. Ainda, no futuro, Sérgio Ferro (2002) reforçaria que a partir do momento em que esse operário estivesse fazendo parte do setor que mais enriquecia no país, sem ter condições de construir para si próprio um abrigo salubre, algo estava equivocado. Sem compreender todas as etapas da construção, uma vez que era anulado, o ciclo de exploração perpetuaria para sempre, sem chance de interrompê-lo.

O Acampamento de Obras construiu-se em outro lugar da mesma crítica ao canteiro de obras. Lefèvre indagou em primeiro momento a expansão da cidade de São Paulo, as condições trabalhistas e do meio e então passou a se perguntar quem eram os operários deste setor e de onde vieram, percebendo que havia um déficit habitacional que correspondia ao movimento migratório. Lefèvre então desenvolveu um sistema que os capacitaria para construção de seu bem fundamental: uma casa — já não mais apenas um abrigo — e além: a forma de pensar a construção e suas possibilidades, criando também uma forma de quebrar a alienação inerente do sistema capitalista. Com isso, enquanto a crítica de Ferro permaneceu quase exclusivamente

nas formas de produção e na economia política, Lefèvre procurou na Antropologia Urbana respostas a respeito da cultura e do folclore; além de desenvolver, baseado na pedagogia freiriana, um campo de discussões e percepções sobre o mundo.

A abordagem do Acampamento de Obras foi chamada por Lefèvre como uma Utopia. Essa moraria em uma sociedade em transição em que o Estado passaria a taxar as grandes construtoras e faria a redistribuição de verbas arrecadas pelos impostos da mais-valia para que os operários tivessem oportunidades melhores para construção de seus lares e, mais do que isso, descobrissem seu lugar na sociedade urbana através da construção conjunta do que Lefèvre chamaria de Cultura Urbana do Povo. Os autores que Lefèvre usou para fundamentar sua visão são Eunice R. Durham, Michel Jules Thiéblot e Claudia Menezes e para desenvolver sua pedagogia aplicada no Acampamento foi a de Paulo Freire.

A produção do Acampamento de Obras: uma Utopia foi uma proposta inédita no Brasil e foi desenvolvida por um arquiteto cuja a ideologia estava alinhada à ideia de uma sociedade a caminho da liberdade, fora do ciclo de opressão exercido pela alienação e pelo Capital e que se transformava com a finalidade de construir uma nova forma de existir no meio urbano.

01: A Cultura do Acampamento de Obras

1. O Mestrado e a sua organização formal

Em a Cultura do Acampamento de Obras, Rodrigo Lefèvre analisou os estudos acerca do movimento de migração rural à centros urbanos e suas atividades sociais, políticas e econômicas, baseado em inúmeros autores que realizavam estudos na área da Antropologia e Sociologia Urbanas durante a década de 1970 e também de outros intelectuais que comporiam o Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) e, posteriormente, o Cedec (Centro de Estudos da Cultura Contemporânea) a partir de 1976.

Na "Introdução", Rodrigo Lefèvre apresentou o problema da migração para São Paulo. O arquiteto descreveu a dificuldade do migrante em inserir-se no meio urbano, iluminando principalmente questões a respeito da democracia, da cultura, da qualidade de moradia e trabalho na RMSP e procurou entender, através de uma gama de intelectuais que discutiam esse fenômenos, suas razões e suas questões, principalmente aquelas relacionadas a moradia, sindicatos e independência dessa população.

No capítulo seguinte, "Por que Utopia?", Rodrigo Lefèvre apresentou conceitos ligados à Utopia, Estado e direitos fundamentais. Aqui ele interpelou questões marxistas sobre mais-valia relativa e absoluta e sobre a exploração do trabalhador. Também apresentou seu modelo de sociedade, em que o Estado seria um facilitador da vontade coletiva. Lefèvre procurou justificar essa mudança de atitude do Estado no modelo de sociedade proposto. Explicou que nesse modelo o trabalhador poderia repor sua força de trabalho integralmente através do descanso e remuneração necessária e que ao final do ciclo possuiria o que lhe é fundamental: uma casa. Em seu modelo de sociedade caberia ao Estado prover e subsidiar a estruturação de um acampamento provisório financiado pela arrecadação de impostos relativos às atividades da construção civil. Em última medida a operação nada mais era do que o investimento da mais-valia¹ extraída dos trabalhadores da construção civil em uma estrutura para a

1

superação de suas dificuldades de inserção social e econômica como uma classe social. O Estado assim exerceria seu papel redistributivo.

No capítulo II, o arquiteto apresentou seu fluxograma. Esse sistema representaria o Acampamento de Obras (em um momento de transição da sociedade) e como ele funcionaria em suas etapas, de sua "entrada", que aponta a chegada do migrante a RMSP e sua introdução à cidade. Ele também se tornaria parte da dinâmica social, estabelecendo uma troca entre ele e os técnicos, engenheiros e arquitetos.

É preciso apontar que existe uma maneira particular em como Lefèvre decidiu organizar os temas tratados nesse trabalho. A ordem em que monta seu pensamento é a de demonstrar o "produto" de sua reflexão logo no capítulo II — um Fluxograma onde os blocos estabelecem o funcionamento do canteiro-escola utópico proposto — para nos capítulos seguintes, caracterizar os usuários e finalizar o texto com esquemas de casas em abóbadas que foram o reflexo de sua trajetória profissional.

O capítulo III, "Processos de substituição; absorção e preservação da cultura do povo pela cultura de massa e cultura erudita", Rodrigo Lefèvre retoma a autora Eunice R. Durham ao seu texto, citando-a no total de 6 vezes; ou seja, 6 mais que os demais autores mencionados nesse capítulo apenas uma vez. Nos capítulos seguintes, a antropóloga seria comprovadamente sua maior influência nesse trabalho. Ele criticou a maneira como a cultura erudita anula a do povo, oprimido-a até que ela seja ou escondida ou aniquilada em função do modo de vida na cidade.

No capítulo IV, "Algumas características culturais dos migrantes", Rodrigo Lefèvre propôs-se identificar quem era a classe trabalhadora recém-chegada a São Paulo, baseando-se nos estudos da Antropologia Urbana e discutindo os resultados das pesquisas de Eunice R. Durham (1978), Michel Jules Thiéblot (1977) e Claudia Menezes (1976) sobre o movimento migratório campo-cidade.

Nos capítulos V e VI, Algumas características das atitudes dos técnicos e VI. Algumas transformações na pedagogia, retoma trabalhos anteriores (O Arquiteto Assalariado, 1981 e Notas Sobre o Ensino da Arquitetura, 1977). O arquiteto escreveu o que é e o que poderia ser o papel do técnico superior na sociedade de transição. Para isso procurou identificar e criticar a prática corrente e ao mesmo tempo apresentar as práticas de pedagogia que poderiam transformar as relações sociais no Acampamento de Obras.

No capítulo VII, O projeto de um Acampamento de Obras, Lefèvre apresenta, por fim, seus desenhos de estruturas pré-fabricadas, que o arquiteto desenvolveu com base em sua obra já construída e os utilizou como sistema construtivo adequado ao Acampamento de Obras. Esses desenhos são a parte mais comumente mencionada da dissertação e publicada em vários trabalhos sobre o arquiteto. Há, como anexo a esse capítulo, um rico registro fotográfico realizado pelo próprio Lefèvre das residências que construiu na década de setenta, para encerrar a dissertação.

Vale por fim mencionar que a qualidade da arquitetura apresentada e a riqueza do material registrado obliterou a importância da construção teórica e intelectual realizada por Lefèvre nos capítulos iniciais da dissertação.

2. A questão da migração interpretada por Lefèvre

O início da dissertação trata da transformação da cidade de São Paulo e da região metropolitana em consequência do crescimento populacional “exacerbado²”, causado pela migração interna e desequilibrada espacialmente. Essa nova realidade gerou inúmeras discussões levantadas pelo grupo de pesquisadores do CEBRAP, CEDEC e entre urbanistas e arquitetos. Havia muitas perguntas a serem respondidas a respeito das condições de moradia e de trabalho dessa nova população, recém ingressada na cidade e intensos debates a respeito das políticas urbanas em curso desde o Seminário de Habitação e Reforma Urbana de 1963, do qual Rodrigo Lefèvre também participou.

Lefèvre estava interessado em construir uma proposta para essas discussões como arquiteto, assim, sob orientação de Nestor Goulart Reis Neto³, formulou o *Projeto de Acampamento de Obra: Uma Utopia*. Extrapolando os limites socioeconômicos dos estudos que realizados dentro do campo da Antropologia Urbana. O arquiteto criou uma nova dimensão sócio-espacial: como seria o ingresso desses migrantes em uma

² "O aumento da população, no entanto, está faz-se de forma extremamente desequilibrada. É crescente e preocupante a concentração na Grande São Paulo, onde hoje vive mais da metade da população do Estado [...]. O Censo de 1980 revelou, por outro lado, que 224 dos 571 municípios paulistas tinham, em 1980, uma população menor do que a de 1970. Há forte concentração, no oeste do Estado, de municípios cuja população está diminuindo." (COSTA, Rubens Vaz da apud Lefèvre 1981 [2019]).

³ Dentro do Departamento de História da FAUUSP ocorreu a pesquisa dirigida por Carlos Lemos a respeito da Casa Popular Brasileira, em que foi defendida a abordagem sociológica ao invés do enfoque técnico-construtivo (SAMPAIO; 1990).

dimensão utópica da cidade de São Paulo onde o modo de "produção não é o capitalista, utilizando a autogestão e a autoconstrução de suas casas e bairros como base de um processo de formação de aprendizado de algumas atividades profissionais, aquelas ligadas à construção"? (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981).

No estado de São Paulo, a população aumentou em 3.600.000 migrantes nos últimos dez anos! e 40% dos municípios do estado diminuíram de população nesses mesmos dez anos, principalmente da região centro oeste! Isso nos dá uma ideia da magnitude do problema, que é a concentração de populações, antes dedicada à produção agrícola, nos grandes centros urbanos. De 1950 até 1980, a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) passou a abrigar de 29% para 50% da população de todo o estado: possuía, em 1950, perto de 3 milhões de pessoas e possui hoje pouco mais de 12 milhões. Ou seja, na RMSP foram construídas "três cidades" de uma população de 3 milhões de pessoas cada uma, nos últimos trinta anos! Pode-se fazer a pergunta: quem construiu essas "três cidades"? Pelo menos 90% delas foram construídas por populações de baixa renda, na grande maioria, migrantes que, por necessidade de se proteger da violência que tem sido a vida urbana, a vida de mercado de trabalho e a vida no trabalho, principalmente nestes últimos anos, têm procurado solução para seus problemas fora do sistema de produção geral, agindo por conta e risco próprios, sozinhas, isoladas, sem quase nenhum traço das características do homem, que é um ser social. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 197-198⁴)

Retomando seu texto introdutório, o arquiteto já se apoiava em muitos dos teóricos que iriam o fundamentar ao longo de sua dissertação e também apresenta as suas indagações a respeito da migração e expansão da cidade de São Paulo. Os primeiros autores citados são Ermínia Maricato, Gabriel Bolaffi e, também Lúcio Kowarick, no debate sobre democratização:

A construção de um projeto democrático (n.a. — que inclua projetos de soluções efetivas dos problemas gerais da sociedade, em especial das populações efetivas dos problemas gerais dos problemas gerais da sociedade, em especial das populações de mais baixa renda) implica numa prática política que aposte na capacidade das classes ainda subalternas em modelar seu destino histórico e que abra caminhos, necessariamente conflituosos, desbastados por processos de participação e reivindicação vigorosos e autônomos em relação aos centros de poder. (KOWARICK, 1979 apud Lefèvre, 1981,[2019])

O modelo de transição foi idealizado para existir em um momento entre a transição do capitalismo para o socialismo. Nessa proposta utópica o Estado de São Paulo subsidiaria a transformação social. No primeiro capítulo da dissertação: Por que Utopia?, ele então defendeu o que ele entendia como Utopia e como ele a usaria como ferramenta para sua proposta:

⁴ KOURY, Ana Paula. Arquitetura Moderna Brasileira. Uma crise em desenvolvimento. Textos de Rodrigo Lefèvre (1963-1981). Ana Paula Koury (org.) - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP. Ed. 1. 2019.

A proposta, em termos sucintos, consiste em pensar no que poderá ser, numa época de transição para uma estrutura nova de sociedade, mais humana do que a de hoje, a montagem de uma espécie de escola, onde cerca de 2 mil migrantes, organizados de forma descrita no capítulo seguinte, possam vir a produzir, durante alguns meses, o seu local de moradia, casa e bairro, sendo que para essa produção o Estado contribui com terra, material de construção, abrigo provisório e alimentação, métodos pedagógicos de alfabetização e de formação profissional. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 203)

O capítulo II, “O Modelo de uma produção numa época de transição” apresenta o modelo em forma de fluxograma da organização do acampamento e descreve os componentes do modelo e as suas relações. Nesse capítulo que Rodrigo Lefèvre introduz o livro de Eunice R. Durham, *A Caminho da Cidade* (1973). Essa obra é a referência mais recorrente na dissertação de Lefèvre, citado 39 vezes ao todo.

O seu problema fundamental (no livro) é analisar as transformações que devem ocorrer no comportamento e na cultura das populações envolvidas na expansão de um sistema que, se de um lado aumenta a pobreza e desagrega a base tradicional de existência das populações economicamente marginais, de outro incorpora porcentagens crescentes dessa mesma população como mão de obra necessária ao seu próprio desenvolvimento [...] O que nos interessa investigar é a integração de trabalhadores rurais em sistemas urbano-industriais, na medida em que esse movimento representa o abandono de estruturas tradicionais e a incorporação em um sistema complexo e diferenciado [...] A migração rural-urbana também pode ser considerada como um fenômeno de mudança sociocultural que envolve a transformação dos padrões de comportamento vigentes nas comunidades rurais de onde provêm os migrantes. Esses padrões representam uma forma particular de ajustamento a um contexto geográfico sociocultural determinado e *precisam ser substituídos por outros, que permitam uma adaptação satisfatória* às condições urbanas de vida. (DURHAM, R. Eunice. 1973. p. 9)

Ao demonstrar como a migração aconteceu em São Paulo nas décadas que antecederam à publicação de sua dissertação de mestrado, o arquiteto apresentou muitos dados estatísticos, mas na página página 239 (KOURY,2019), ele apresentou os dados do Seade e do IBGE, retirados da matéria sobre o censo de 1980, de autoria de Rubens Vaz da Costa publicada na Folha de São Paulo em 1981:

- Migrantes chegados ao Estado de São Paulo, entre 1970 e 1980 = 3.600.000 pessoas.
- Crescimento natural da população no Estado de São Paulo, entre 1970 e 1980 = 2.000.000 pessoas.
- Crescimento natural e por migração da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), entre 1970 e 1980 = cerca de 4.400.000 pessoas.
- Crescimento natural e por migração do Município de São Paulo (MSP), entre 1970 e 1980 = 2.570.000 pessoas.

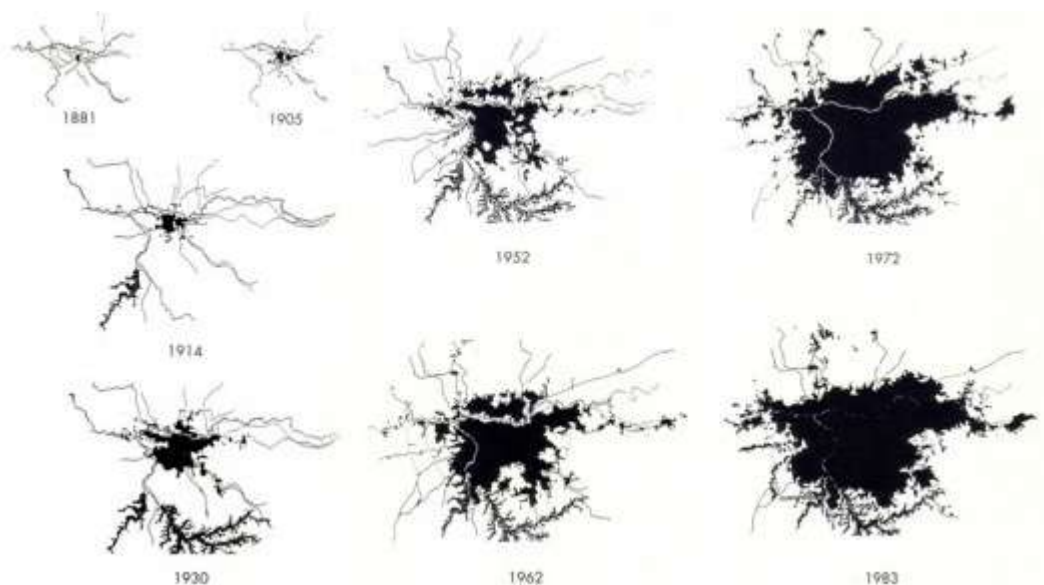


Figura 3. Mancha Urbana que apresenta o crescimento do município de São Paulo. Fonte: GROSTEIN, M. D. A cidade clandestina: os ritos e os mitos. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 1982-1987.

Seu interesse nesses dados foi mostrar o desequilíbrio espacial da cidade de São Paulo. No estudo de Durham *À Caminho da Cidade* (1973), Rodrigo Lefèvre destacou também um outro aspecto desse desequilíbrio espacial que é a riqueza cultural. O arquiteto usou do estudo de Durham, ao qual agrega as obras de Michel Jules Thiéblot e Claudia Menezes, para evidenciar a presença de uma cultura popular nesse contingente populacional e assim embasar o seu posicionamento. A proposta prevê, portanto, a conscientização dos técnicos e o resgate da contribuição das diferentes formas de cultura do povo presente nos migrantes em seu modelo de transição. A chave da transformação cultural para consolidar a transição demográfica em uma forma social específica pode ser compreendida pela citação de Durham (1973, p. 9) que reproduzimos abaixo:

A migração rural-urbana pode ser considerada como um fenômeno de mudança sociocultural que envolve a transformação dos padrões de comportamento vigentes nas comunidades rurais de onde provêm os migrantes, mas esses padrões representam uma forma particular de ajustamento a um contexto geográfico sociocultural determinado [...] precisam ser revalorizados e desenvolvidos de tal forma que se consiga sua generalização para a transformação das condições urbanas de vida.

O que o arquiteto pretendeu ao incorporar a defesa da conscientização da cultura popular baseada em Paulo Freire dentro do Acampamento? Supomos que isso foi além do reconhecimento da cultura popular-povo. No mesmo texto, mais adiante também cita trechos de *Educação como Prática da Liberdade*, livro de 1976, também

do Patrono da Educação Brasileira. Rodrigo Lefèvre parecia decidido dentro da sua utopia criar a dinâmica de uma nova cultura, que ele desenvolveria e defenderia no capítulo III, Processos de substituição; absorção e preservação da cultura do povo pela cultura de massa e cultura erudita. Nesse capítulo, entende-se que a única maneira de uma sociedade funcionar em equilíbrio seria quando não existisse uma cultura dominando outra, e sim, uma troca entre elas. Não à toa, o arquiteto estabeleceu dentro do fluxograma momentos em que migrantes e técnicos aprendem uns com os outros.

Posicionando-se contra o processo de segregação espacial que circunscrevia a cultura do povo e dos migrantes em bairros afastados, nos capítulos I e IV, o arquiteto observou as condições de moradia dos migrantes e resgatou as diferentes interpretações sociológicas sobre o capitalismo e antropológicas sobre a cultura popular, para fundamentar a sua análise. Nesses capítulos o arquiteto apresenta os autores Arnold Hauser, Karl Marx, Marilena Chauí, Francisco Oliveira, Eunice R. Durham, Ana Maria Caccacio, Pedro Dantas e Liane C. A. Alves.

Ainda, é necessário relembrar que esse texto é escrito dez anos depois que Rodrigo Lefèvre deixou o presídio Tiradentes, onde foi detido por um ano pelo Regime Civil Militar — sob influência do grupo de intelectuais, pelo qual o arquiteto circulou nesse período. Muitos deles também perseguidos por militares ou mesmo atacados por suas pesquisas, como aconteceu em 1976, quando a sede do CEBRAP foi bombardeada pela Aliança Anticomunista Brasileira e obrigou a Instituição a se mudar da Rua Bahia para a Av. Paulista⁵. Portanto, parece natural pensar no desejo e no ideal de uma sociedade distinta daquela que viveram durante o regime militar, assim, seus esforços contribuíram para a construção da ideia de uma nova dinâmica social, isenta de opressão e perseguição.

⁵ Devido à perseguição ideológica da ditadura no ambiente universitário, muitos professores foram afastados de suas funções. Em 1969, alguns deles fundaram o Cebrap, cujo objetivo era desenvolver análises e subsidiar intervenções na realidade brasileira a partir da produção de conhecimento crítico e independente sobre os problemas sociais do país. O centro sempre despertou desconfiança no regime, que vigiou suas atividades e constrangeu seus membros em inúmeras oportunidades. Em 1975, a instituição desenvolveu, a pedido da Comissão de Justiça e Paz/SP, o livro “São Paulo 1975: crescimento e pobreza”, em que analisavam as contradições do “milagre econômico”. A obra alcançou grande repercussão e chegou às comunidades e entidades que vivenciavam as mazelas causadas pela política econômica militar. Meses depois, em setembro de 1976, a sede do Cebrap sofreu um atentado à bomba. A ação é atribuída, ainda sem comprovação, à Aliança Anticomunista Brasileira. Após o evento, a sede foi transferida. Cebrap. **MUSEU DA RESISTÊNCIA**, Org.

Nesse trabalho, Lefèvre analisou os estudos apresentados e discutidos pelo o CEBRAP, CEDEC e outros antropólogos e sociólogos que pertenciam à USP, além de seus colegas e professores da FAU-USP acerca do movimento de migração rural-à-centros urbanos e suas atividades sociais, políticas e econômicas, sob a ótica e respaldo de inúmeros autores que discutiam estudos dentro da Antropologia e da Sociologia Urbana. Alguns deles sendo Eunice R. Durham, Michel Jules Thiéblot, Claudia Menezes, Ruth Cardoso, Marilena Chauí, Florestan Fernandes, Francisco de Oliveira e outros.

Rodrigo Lefèvre pretendeu também defender a ideia de preservação da cultura do povo, contrariando a ideologia de que essa é menos importante daquela que se diz "universal", "científica" ou "tecnológica" como a erudita e, por isso, considerada "superior" no capítulo seguinte. Procurando identificar quem são os migrantes, o arquiteto respalda -se nos trabalhos de Eunice R. Durham, Michel Jules Thiéblot, Claudia Menezes. A influência desses pesquisadores e suas obras tomam suma importância na dissertação de Lefèvre, já que são citados em um total de 97 vezes ao decorrer do texto. Ele identifica quem eram os migrantes, a recém-população chegada a São Paulo e procura entender, sob a ótica antropológica, quem eles se tornaram no novo ambiente: a cidade e sua razão de ser dentro dessa nova dinâmica.

É essa população, que carrega uma cultura do povo não ou pouco urbana, que se pretende que participe do processo de repensar a cidade, em que o migrante assuma uma posição de produtor, uma posição de ação. (DURHAM, R. Eunice. 1973. p. 112)

Assim, da lógica do Acampamento desenvolvida por Rodrigo, ele incorporou essa visão do seguinte modo:

Mas, aquela participação de técnicos de grau superior no modelo de uma produção tem algumas finalidades: a primeira é colocar em discussão dentro do modelo os elementos da cultura burguesa em confronto com os elementos da cultura do povo trazidos pelos migrantes, com vistas a um outro dos produtos pretendidos que é a reforma dos técnicos de grau superior em busca de um conhecimento, de uma ciência, de uma tecnologia mais correta da construção da nova sociedade, finalidade primeira desta época de transição pensada; em segundo lugar, colocar à disposição do modelo os conhecimentos da cultura burguesa que possam vir a tornar a produção (dos vários produtos) eficiente em função dos objetivos adotados pelos participantes no modelo. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 250-251)

O motivo pelo qual seu Acampamento de Obra sustenta-se, é justamente a disciplina de Rodrigo Lefèvre em caracterizar os trabalhadores da construção civil do período em que o texto foi publicado. Suas ideias não partem do imaginário ou de

experiências próprias dentro do canteiro de suas obras, mas são sim fundamentadas nos trabalhos de antropólogos e suas pesquisas, transformando e equilibrando a proposta do Acampamento de Obras em um canteiro de aprendizado mútuo.

04 cap 3: processos de substituição, absorção e preservação					
arnold hauser	introdução à história da arte	1961	5	371 - 372 - 373	1 - 2 - 3 - 4 - 5
karl marx	el capital	1975	1	373	6
marilena chavi	notas sobre a cultura popular	1980	3	274 - 290	7 - 20 - 21
francisco oliveira	a economia brasileira: crítica a razão dualista	1973	2	276 -	8
eunice r. durhan e ruth cardoso	elaboração cultural e participação social nas populações de baixa renda	1977	1	276	10
eunice r. durhan	a dinâmica cultural na cidade moderna	1980	1	278	11
eunice r. durhan	a caminho da cidade	1973	1	278	12
liane c. a. alves	meios de comunicação: os perigos do irreal	1978	2	280 - 284	13 - 16
-	depois de luiz gonzaga e jackson do pandeiro	1973	1	282	14 revista opnião
-	entrevista com josé vieira filho	1973	1	282	15 revista opnião
pedro dantas	a assimilação do popular na estética musical brasileira	1973	1	286	17
ana maria ciccacio	na paraíba, uma universidade aberta à cultura popular	1978	2	287 - 288	18 - 19
05 cap 4: algumas características culturais dos migrantes					
eunice r. durhan + ruth c. l. cardoso	elaboracao cultural e participação social nas pop. de baixa renda	1977	2	291 - 292	1 - 3
lúcio kowarick	a espoliacao urbana	1980	1	292	2
eunice r. durhan	a caminho da cidade	1973	32	293 - 294 -	4 - 7 - 8 - 13 -
				295 - 297 -	20 - 21 - 22 -
				301 - 302 -	23 - 24 - 25 -
				303 - 304 -	27 - 34 - 36 -
				305 - 306 -	37 - 38 - 49 -
				307 - 308 -	51 - 52 - 58 -
				314 - 315 -	68 - 80 - 82 -
				317 - 323 -	84 - 85 - 86 -
				334 - 335 -	87 - 89 - 90 -
				336 - 337 -	91 - 92 - 98 -
				340 - 343	103
				293 - 296 -	5 - 12 - 28 - 35
				305 - 306 -	39 - 40 - 41 -
				309 - 310 -	42 - 43 - 44 -
claudia menzes	a mudança - análise da ideologia de um grupo de migrantes	1976	30	311 - 312 -	45 - 46 - 47 -
				313 - 314 -	48 - 50 - 53 -
				315 - 316 -	54 - 55 - 56 -
				317 - 336 -	67 - 88 - 93 -
				338 - 339 -	94 - 95 - 96 -
				340 - 341 -	97 - 99 - 100 -
				342 - 343	101 - 102
				293 - 294 -	6 - 11 - 14 - 15
				297 - 299 -	16 - 17 - 18 -
				300 - 301 -	19 - 26 - 29 -
				304 - 305 -	30 - 31 - 32 -
				306 - 317 -	33 - 57 - 59 -
				318 - 319 -	60 - 61 - 62 -
				320 - 321 -	63 - 64 - 65 -
marcel jules thiébolt	rondônia - um folclore de luta	1977	35	322 - 323 -	66 - 69 - 70 -
				327 - 328 -	71 - 72 - 73 -
				329 - 330 -	74 - 75 - 75 -
				331 - 332 -	76 - 77 - 78 -
				333 -	79
antonio candido	parceiros do rio bonito	1975	1	295	9
florestan fernandes	comunidade e sociedade no brasil	1972	1	295	10
-	folha de s. paulo	1973	1	334	81
cap 5: algms características das atitudes dos técnicos de grau superior em relação aos seus trabalhos					
henri lefebvre	o direito a cidade	1969	1	345	1
karl mannheim	ideologia e utopia	1972	1	346	2
marilena chavi	notas sobre cultura popular	1980	1	346	3
larousse du xx siecle	-	1932	2	348	4 - 5 dicionário?

Tabela 1. Tabela com os autores contabilizados dos capítulos 03, 04 e 05, comprovando a influência do meio de intelectuais da antropologia urbana. Fonte: produção pela própria autora através da contabilização do texto de Lefèvre.

1.3. A cultura rural-urbana, folclore e a Antropologia Urbana

1.3.1. Eunice Ribeiro Durham

O livro *A Caminho da Cidade* foi a obra mais referenciada pelo arquiteto em sua dissertação. Lançado em 1973 pela antropóloga Eunice R. Durham na coleção "Debates", que em sua análise baseava-se em investigações realizadas entre os anos de 1959 e 1960 para o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e esse foi coordenado pelo professor Darcy Ribeiro (1922-1997). A autora entrevistou cerca de mil de migrantes provindos de locais distintos do território brasileiro e que se instalaram em diferentes locais na cidade de São Paulo.

No livro, Durham esclareceu que a sua intenção foi "(...) investigar a integração de trabalhadores rurais em sistemas urbano-industriais". Em seguida apresentou sua abordagem com descrito abaixo:

A migração foi vista como um fenômeno que acarretava o abandono de estruturas sociais tradicionais, que permitam uma organização comunitária da vida social e a integração de pessoas em estruturas muito mais amplas, próprias de um sistema de produção industrial, complexo, diferenciado e urbanizado. (DURHAM, Eunice R. 1978. p. 226).

A pesquisa realizada por Durham buscou entender os hábitos desses trabalhadores rurais no contexto urbano e sua transformação quando, em suas palavras, abandonaram o Brasil rural em direção ao urbano. A autora esclareceu que sua pesquisa permite elucidar o equívoco da existência de dois Brasis — o "subdesenvolvido" e o "desenvolvido". Apresentando ambos os processos como partes integrantes de um mesmo sistema⁶. A antropóloga não procurava caracterizar exatamente quais funções os migrantes exerciam dentro da realidade industrial e descreveu, de maneira rápida, os trabalhos exercidos por eles.

Podemos, contudo, dizer que Eunice R. Durham preocupou-se em caracterizá-los, a partir de entrevistas, em como os migrantes adaptaram-se a uma nova cultura de

⁶ A crítica ao dualismo também presente na obra de Francisco de Oliveira, "A crítica a razão dualista", foi citada apenas 5 vezes por Rodrigo Lefèvre. Ainda assim, quando autores discutem O Acampamento de Obras: Uma Utopia, tendem a potencializar esse autor mesmo quando comprovadamente outros estão mais presentes no texto do arquiteto (Durham, Menezes, Thiéblot e Freire).

trabalho, principalmente ao serem confrontados com a dinâmica trabalhista e dos sindicatos. As entrevistas obedeceram parâmetros, como faixa etária e gênero dos entrevistados para que as informações pudessem ser comparadas. A autora manteve-se fiel ao que lhe foi relatado por esses entrevistados, traçando assim os seus perfis, os seus padrões de comportamento e os ciclos que compuseram a inserção dessa população na sociedade urbana.

Durham apontou também a diferença entre esses trabalhadores em função do seu gênero. As mulheres frequentemente trabalham como empregadas domésticas e homens no mercado da construção civil ou empregos mais urbanos como porteiros ou motoristas. A antropóloga elegeu diferentes parâmetros, o gênero e o histórico pessoal para explicar que dificilmente poderíamos generalizar o migrante em um só perfil. Porém, também mapeando que independente da origem "é necessário reconhecer que o trabalho agrícola raramente qualifica o trabalhador para os empregos melhor remunerados" (DURHAM, Eunice R. 1978. p. 148-149), o que os coloca à margem da sociedade e por consequência aceitam qualquer oportunidade que lhes seja ofertada.

A visão de Rodrigo Lefèvre mergulhou nessa caracterização cultural do migrante, baseado principalmente na contribuição de Durham e também de outros pesquisadores que se interessavam pela identidade constituída por essa população migrante. O modelo de produção de um bairro de migrantes que elaborou na sua dissertação de mestrado apropria-se dessa busca pela caracterização cultural dos migrantes, tornando-os sujeitos políticos de sua inserção em uma sociedade de transição. Assim, Rodrigo Lefèvre distribuiu as funções exercidas pelos operários e pelos técnicos dentro de um canteiro de obras, construindo a pedagogia do Acampamento.

Nos anos 1980 quando Rodrigo Lefèvre escreveu sua dissertação de mestrado, ele já era um profissional com duas décadas de experiência e estava acostumado a lidar com a mão de obra que era formada por esses migrantes e, com isso, construiu uma dimensão operativa voltada para um segmento específico, os trabalhadores da construção civil.

1.3.2. Claudia Menezes

Enquanto Durham discutia o aspecto cultural, Menezes⁷ aprofundou-se no que ela chamou de mudança (o momento ponte entre o rural-urbano) e no movimento (silencioso-barulho). Esses são conceitos que ela apresentou em sua obra *A Mudança: Análise da Ideologia de um Grupo de Migrantes* publicada em 1976.

Esse trabalho de Claudia Menezes foi elaborado a partir de entrevistas e análises qualitativas, desenvolvendo o conceito “Mudança” — como seu próprio título apontou. Depois das análises de entrevistas de migrantes, ela caracterizou esse movimento na vida do grupo de pessoas que deixam o meio rural para o urbano, adaptando-se ao *modus vivendi* urbano.

Ao tentar descobrir quem eles eram e quem se tornavam ao vir para cidade, Menezes batizou o processo de “Mudança”:

A mudança significa, para o migrante, uma busca de melhoria, no seu sentido mais amplo: melhores condições de trabalho, moradia, transporte, conforto, distração, acesso a bens de consumo, educação, assistência médica. Tudo isso é o que necessariamente encontra em outro lugar, não aquele que está. Embora as expectativas sejam definidas, a direção da mudança não é rigidamente programada. Ela se estabelece a partir de informações obtidas através de canais informais (cartas de parentes e amigos, conversas em feiras). Assim, sabe-se que “fulano” está bem em determinado local e o fato de “fulano” não ter regressado a comunidade de origem confirma esta suposição positiva. Enquanto que a escolha do local de destino pode resultar em acontecimentos fortuitos, a escolha da moradia na cidade baseia-se em critérios mais objetivos, como a proximidade de parentes e conhecidos ou de local de trabalho. (MENEZES, Claudia. 1976. p. 16)

Ao abandonarem a “roça”, um local onde estavam destinados ao trabalho agrícola e rural, passam a se adaptar ao meio urbano, mas infelizmente fracassam em sua experiência urbana. Para o migrante, a roça é um lugar sem movimento, pois o afastamento geográfico de moradias o impede de conviverem. Ainda, a falta de luz, de “sons” e de informações gera isolamento e tristeza. Na cidade, o movimento é gerado justamente pela existência de gente: “O movimento onde existem pessoas é um foco

⁷ Claudia Menezes possui pós-doutorado em Etnografia pelo Museu de Etnologia de Lisboa (1992), doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1985), mestrado em Antropologia Social pelo Museu Nacional (1972) e graduação em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1968). Tem experiência na área de Antropologia e Ciência Política, atuando principalmente com os seguintes temas: museologia, etnologia indígena sul-americana, antropologia do direito, antropologia visual, meio-ambiente e desenvolvimento sustentável.

de atração para elas. O movimento também é definido por componentes, que são o perigo (advindo da incerteza) e o barulho” (MENEZES, Claudia. 1976. p. 39).

O seu fracasso do migrante consiste em sua própria concepção.

[..] ao se tomar como parâmetro o habitante da cidade, faz com que as categorias revelem caricaturalmente os problemas mais evidentes do homem rural: o abandono, a falta de poder reivindicatório e a impotência diante do ambiente urbano, que desconhece e se julga incapaz de controlar. (MENEZES, Claudia. 1976. p. 51)

“A Mudança” fundamenta a crítica de Rodrigo Lefèvre sobre o ciclo de opressão do migrante-no-meio-urbano. A chegada do migrante à cidade, pela a alienação diante das dificuldades enfrentadas pela dinâmica urbana, seu apagamento identitário e a opressão entre o “explorado-explorador”. A ideia de meritocracia foi apresentada de maneira enraizada no imaginário descrito por Menezes, demonstra que esse grupo de pessoas não conseguia enxergar que o que consideravam como fracasso não era sua responsabilidade, culpabilizando uma ordem natural de pobreza que denominavam como divina e julga que o insucesso era acarretado pela ausência de qualidades pessoais.

Dentro deste esquema de explicação acrescentavam que Deus não impede ninguém de progredir, mas aqueles que conseguem “subir na vida”, devem resignar-se, pois a esta limitação é determinada por uma vontade superior. Esta explicação de origem religiosa obriga uma formulação ideológica do “sucesso”, associada às virtudes pessoais. O desenho de ascender está fundamentado no crédito dado ao poder do esforço individual e — secundariamente — ao da educação formal, ambos considerados pelos migrantes como veículos de mobilidade social. (MENEZES, Claudia. 1976. p. 101)

1.3.3. Marcel Jules Thiéblot

Já na obra de Marcel Jules Thiéblot⁸, *Rondônia - Um Folclore de Luta* publicada em 1977, o folclorista estava interessado em conhecer o morador do meio rural. Esta obra trata-se de um estudo de caso sobre o estado de Rondônia e como o seu folclore (modo de vida) é a sobrevivência e a luta dessa população. O estudo ganhou o 3º lugar no Concurso Nacional Mário de Andrade de Monografia sobre Folclore Nacional (1973) e foi publicado como livro pela Coleção Folclore nº6 em 1977.

Em sua contribuição, Thiéblot construiu uma análise meticulosa a respeito do estado e sua comunidade, identificando seus habitantes e seus costumes. O folclorista fez três viagens ao estado nos anos de 1972, 1973 e 1975 e decidiu ingressar na Escola de Folclore de São Paulo para dar continuidade aos seus estudos. Na Escola, construiu o conceito de cultura que investigaria:

Cultura que eu procurava, cultura diferente da cultura erudita, diferente também da cultura de massa, essa cultura que emana espontaneamente dentro de uma comunidade e que essa mesma comunidade aceita como sua, enriquecendo assim seu acervo cultural próprio. (THIÉBLOT, Marcel Jules. 1977. p. 7)

Em estudos prévios, Marcel Thiéblot descreveu a dificuldade em achar relatos que caracterizassem os moradores “modernos” da região, interessando-se em visitar o estado para identificá-los. Nas viagens, Thiéblot analisou o morador que ainda portava muitas de suas características originais, apontando que a distância da sociedade industrial impulsiona o morador dessas localidades em direção a um modo de pensar, agir, trabalhar e expressar criativo e imaginativo. Ele chama esse modo de viver como “folclore” (THIÉBLOT, Marcel Jules. 1977. p. 29).

Rodrigo Lefèvre ao construir seu migrante, pareceu interessado na dinâmica profissional-cultural que os estudos de Thiéblot constroem. O folclorista descreveu o “profissional folclórico” da seguinte forma:

⁸ Marcel Jules Thiéblot (1924 – ?) foi aluno de Rossini Tavares de Lima, na Escola de Folclore de São Paulo. Ele publicou livros bem documentados sobre folclore: *Poaia, ipeca, ipecacuanha* (Escola de Folclore, São Paulo, 19); *Rondônia - um folclore de luta* (Escola de Folclore, São Paulo, 1977, 122 pp., il.); *Os homens do sal no Brasil* (Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, São Paulo, 141 pp., il., 1979). Segundo Rossini, Marcel Thiéblot, estudioso de nacionalidade francesa, tornou-se um dos maiores folcloristas do Brasil. O estudo apresentado ao Concurso Nacional Mário de Andrade de Monografia sobre Folclore Nacional em 1973 é justamente o trabalho que Rossini comentou em seu livro *A ciência do Folclore*. Estuda, especificamente, o estado de Rondônia entre 1972 e 1975, pesquisou o folclore de moradores e parceiros da região, divididos entre seringueiros, castanheiros, pescadores, caçadores, marreteiros e artesãos. (In: SOUSA, Rafael Vitor Barbosa. 2016. O Concurso Mário de Andrade de Monografias sobre o Folclore Nacional no panorama dos estudos folclóricos brasileiros (1946-1975). p. 254.)

A profissão folclórica é aquela que é realizada por elementos de uma comunidade, transmitida por tradição, cujos aperfeiçoamentos são fruto da criatividade dos integrantes dessa comunidade, sem fazer apelo aos eruditos da ciência, sem se deixar envolver pela propaganda de massa ou a comercialização. É coisa genuína da coletividade, que nasce dentro da coletividade ou, se for recebida de fora, é aceita e assumida como sua pela coletividade. (THIÉBLOT, Marcel Jules. 1977. p. 37)

Para Thiéblot, os profissionais somente ligados à técnica, ou que respondessem aos “gostos” de uma determinada freguesia, não poderiam ser caracterizados como um profissional folclórico. Eles não expressam a cultura espontânea de sua comunidade, diferente dos profissionais que trazem consigo “as técnicas tradicionais da comunidade, em conformidade com as aspirações da comunidade, exerce uma profissão folclórica: ele expressa a cultura espontânea da comunidade” (THIÉBLOT, Marcel Jules. 1977. p.37).

No capítulo IV de sua tese, Lefèvre escreveu o seguinte:

O modelo de uma produção proposto nesta dissertação tenta recolocar esse problema [a negação da identidade do migrante] de outro jeito. É, ao contrário, com as capacidades específicas dos migrantes que se formará a base de todo o processo de desenvolvimento de um conhecimento novo, necessário, em busca da formação e formulação de elementos da cultura urbana do povo, em busca de uma formação profissional que facilite a integração dos migrantes no conjunto da produção da RMSP e, finalmente, em busca daquela reformulação dos técnicos do grau superior [apresentados no fluxograma]. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 293)

Para Rodrigo Lefèvre era de grande importância identificar quem eram os operários. Sua motivação era a possibilidade de construir uma nova narrativa em que eles fossem inseridos no meio urbano, sem serem anulados, como Lefèvre observou através dos estudos de Durham e Menezes. Algumas características culturais dos migrantes contribuíram para que sua percepção se tornasse mais aguçada a respeito de sua cultura, seus hábitos e a maneira com que observavam a vida e a dinâmica da cidade. Uma vez identificada a problemática para seu “fracasso”, o sistema tecnocrático e capitalista, Lefèvre propôs que, em seu Acampamento de Obras, o Estado fosse capaz de viabilizar o sucesso, ao invés de perpetuar o fracasso, como uma ferramenta exclusiva do capital, colocando-se como provedor de oportunidades e dos meios para os migrantes.

Porém, enquanto Durham e Menezes constroem o migrante na cidade, Thiéblot é usado por Lefèvre em outro aspecto. A análise sobre os moradores de Rondônia

identificou um tipo de trabalhador cuja cultura está protegida da dinâmica de resposta ao consumo que caracteriza a sociedade de massas. Esses trabalhadores exerciam suas profissões como formas de cultura integradas ao fazer social e coletivo, tornando-se "profissionais folclóricos" e diferenciados dos trabalhadores urbanos, que respondem ao consumo. Esses profissionais folclóricos estão livres da alienação do trabalho, já que as relações com o produto são diferentes. Essa mesma ideia é incorporada no momento em que esse "novo conhecimento" citado por Rodrigo Lefèvre será criado: a nova cultura urbana do povo e torna-se a base de uma nova formação profissional facilitadora de processos culturais integrativos ao invés de alienadora, tecnicista e autoritária.

Lefèvre define esse fluxograma como um sistema real, colaborativo e aberto. Em suas palavras, "um sistema relativamente isolado, que não é completamente isolado do meio em que se encontra". Pelo contrário, dentro da proposta do arquiteto, esse sistema (o que chamou de Acampamento) em caso de sucesso poderia ser replicado em outras partes do Brasil, transformado e moldado de acordo com as necessidades de onde poderia ser instalado. Assim, propõem que, para entendê-lo melhor, essa leitura do fluxograma ajuda a entender como ele funciona. Abaixo (figura 5), o fluxograma sofreu intervenções para que sua leitura fosse mais clara:

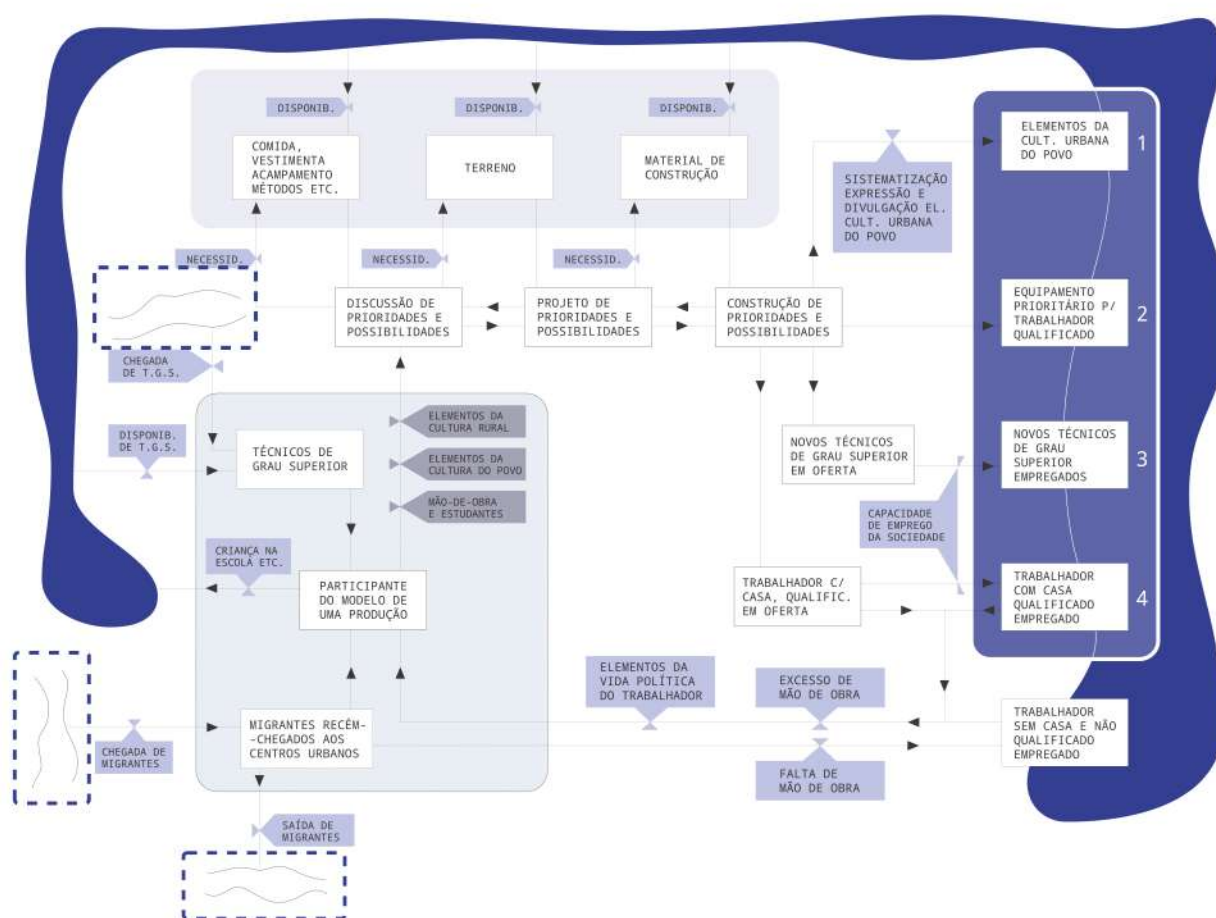


Figura 5. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenções da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

A mancha azul escura é a RMSP (como apresentado pelo arquiteto, local inicial para sua instalação, mas sem endereço fixo), o setor cinza claro representa o Estado, que Lefèvre identifica como o agente capacitado e provedor de recursos para que o Acampamento funcione:

E esse meio é subdividido em representações diferentes: para o meio definido como sendo a RMSP, a forma geometricamente indefinida é a grande mancha; para o meio definido como sendo o resto do país, são as pequenas manchas que se confundem, em seus contornos ao fundo branco do desenho. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 244)

As “pequenas manchas”, ou também as "ondas", estão destacadas nos retângulos tracejados. A folha branca ou o vazio onde ela flutua

É, finalmente, um esquema de blocos, onde os elementos internos são representados por retângulos e onde o meio, onde o sistema relativamente isolado se insere, é representado por uma mancha sem forma geométrica definida. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 244)

De forma mais clara:

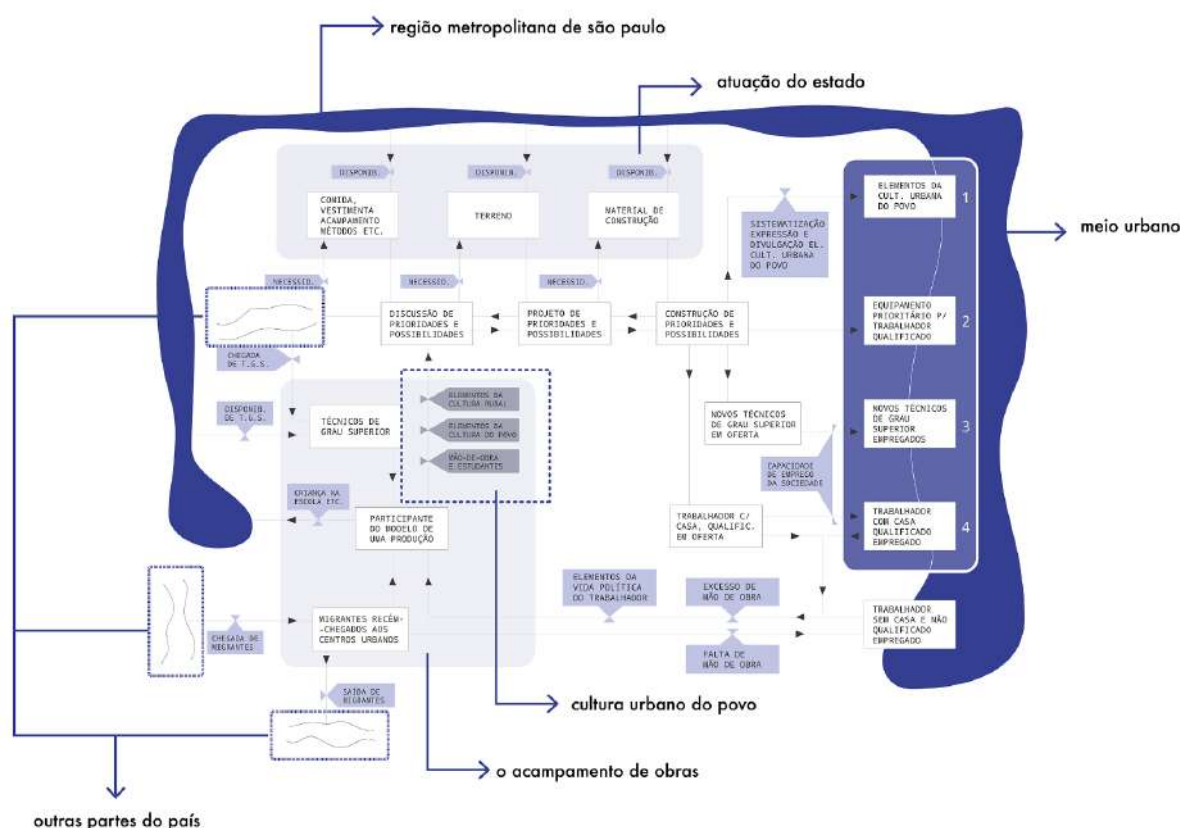


Figura 6. Destaque nas atuações dentro do fluxograma. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Por se tratar de um sistema multidirecional, as inter-relações são dadas pelas setas e essas setas mostram os momentos em que as pessoas entram e saem do sistema e as sequências de situações a serem enfrentadas para que haja um processo de aprendizado. Por ser um sistema não fechado, ele pode ocorrer de forma cíclica.

Quando há uma disponibilidade de tempo e de mão de obra (trabalhadores e técnicos), os trabalhadores capacitados ao final do fluxograma podem voltar ao Acampamento para tomar o lugar de Técnico Superior. Os pequenos quadrantes⁹ são os elementos que se encontram fluando no meio dos caminhos das flechas e são o que Lefèvre chama de “prende ou solta fluxo”. Apesar de ser organizado em múltiplas entradas, existe uma ordem principal e todos esses elementos seguem-na. Isso foi instituído para que os técnicos e os trabalhadores interajam dentro do Acampamento, em um ciclo de estadia (de mais ou menos seis meses) perfazem o sistema.

Por fim, destaca-se os três elementos chave: O Acampamento, o Estado e o Meio-Urbano, que é o espaço onde as resultantes finais do sistema estarão.

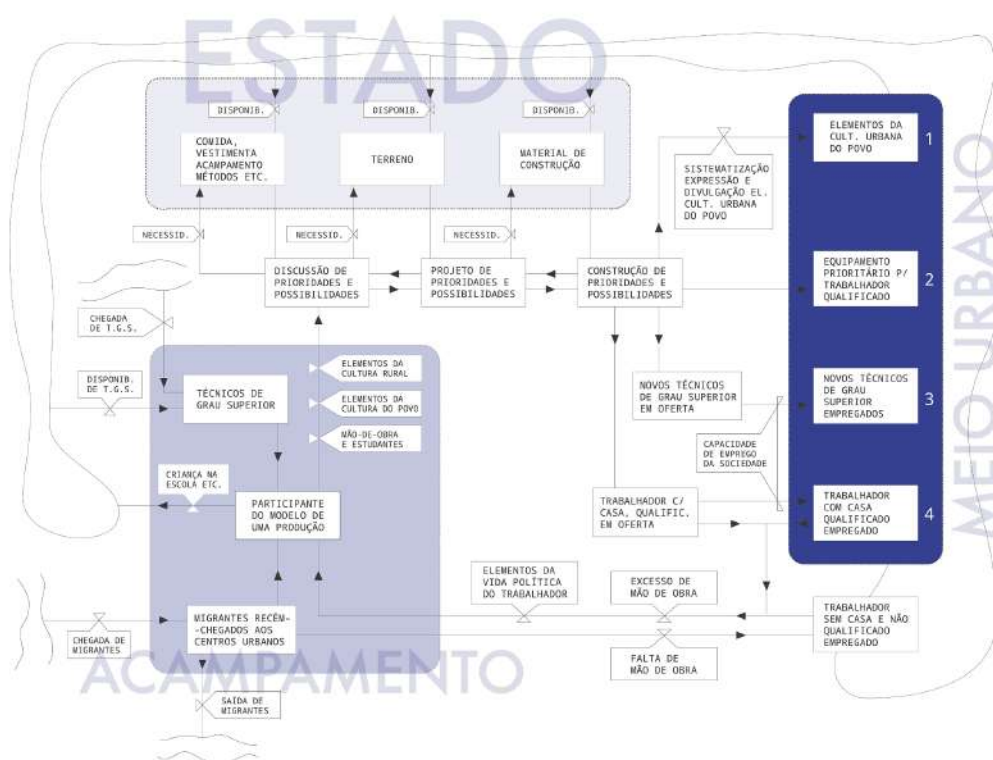


Figura 7. Destaque na atuação do Estado, Acampamento e Meio Urbano. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

⁹ Nessas setas existirão elementos que são representações “do prender ou do soltar” o fluxo entre situações ou elementos para que ele aconteça em maior ou menor quantidade e em mais ou menos tempo. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 244)

2.2. As entradas no Acampamento/Sistema

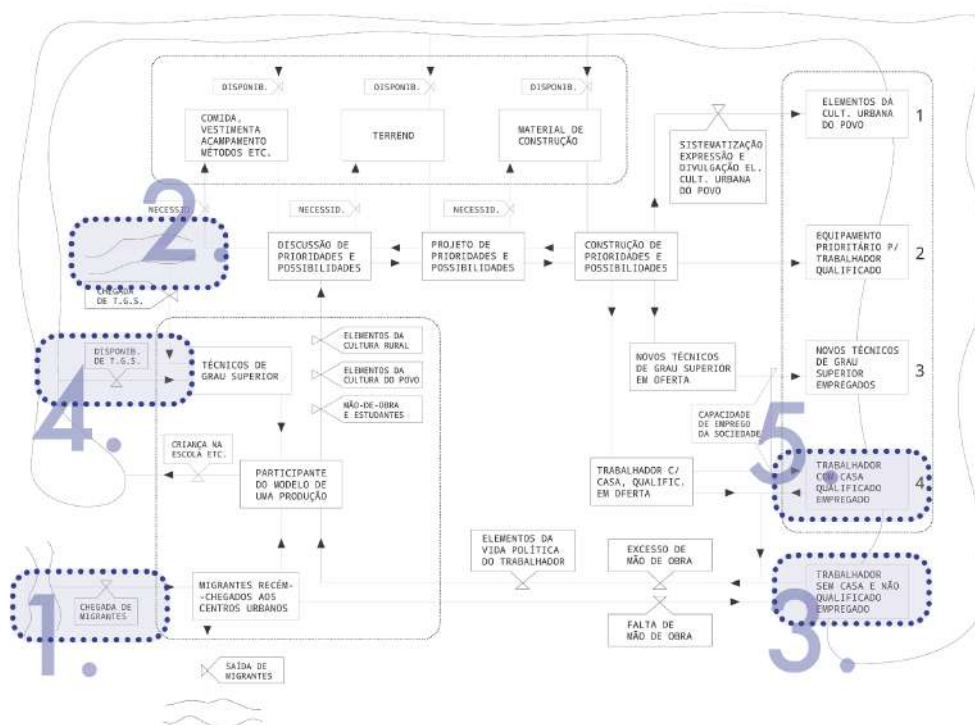


Figura 8. "Entradas" dentro Fluxograma. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Então, nessa próxima imagem do fluxograma, entendemos quais são os momentos em que os migrantes entraram no sistema e também o aparecimento dos Técnicos de Grau Superior. Existem 5 (cinco) formas de entrar e elas acontecem de maneiras distintas, em momentos diferentes também.

Nos quadros azuis, foram numerados de acordo com seu aparecimento no texto de Lefèvre. O primeiro (1.) deles é chamado “a chegada dos migrantes”, baseada na realidade que Lefèvre investigava naquele momento nos trabalhos de Durham e Menezes. Ele corresponde ao movimento de campo-cidades. Ainda entendendo o aparecimento desse grupo de pessoas, a próxima entrada é a “trabalhador sem casa e não qualificado empregado” (3.):

E, por outro lado, deverá ver ainda uma outra entrada possível para participantes, além daquela vinda dos migrantes chegados a São Paulo: é a entrada a partir do trabalhador empregado sem casa e/ou sem formação profissional e do trabalhador com casa em oferta ou empregado que, tendo estado integrado na produção geral, pode vir a ser participante do modelo, seja para construir sua casa, seja para adquirir uma formação profissional, ou seja, retornando ao modelo, já tendo dele participado, agora como orientador, por exemplo. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 249)

As duas outras entradas que são para os Técnicos de Ensino Superior (2. e 4.) acontecerão em um momento mais avançado do sistema e elas dependem da procura e da necessidade desses personagens, considerando que eles podem ser de São Paulo ou de outras localidades distintas, como estados do Brasil afora. Essas entradas são representadas na figura 8 por quadrados tracejados vermelhos.

O 5. é quando o migrante já é agente do meio urbano e possui sua casa própria construída dentro do Acampamento, além da metodologia e pedagogia ali praticadas. Deste modo, se há "capacidade de emprego na sociedade", ele pode voltar ao Acampamento e exercer sua função como "Novo Técnico de Grau Superior" e seguem por uma flecha de novo para dentro do Acampamento como "participante".

2.3. As saídas no Acampamento

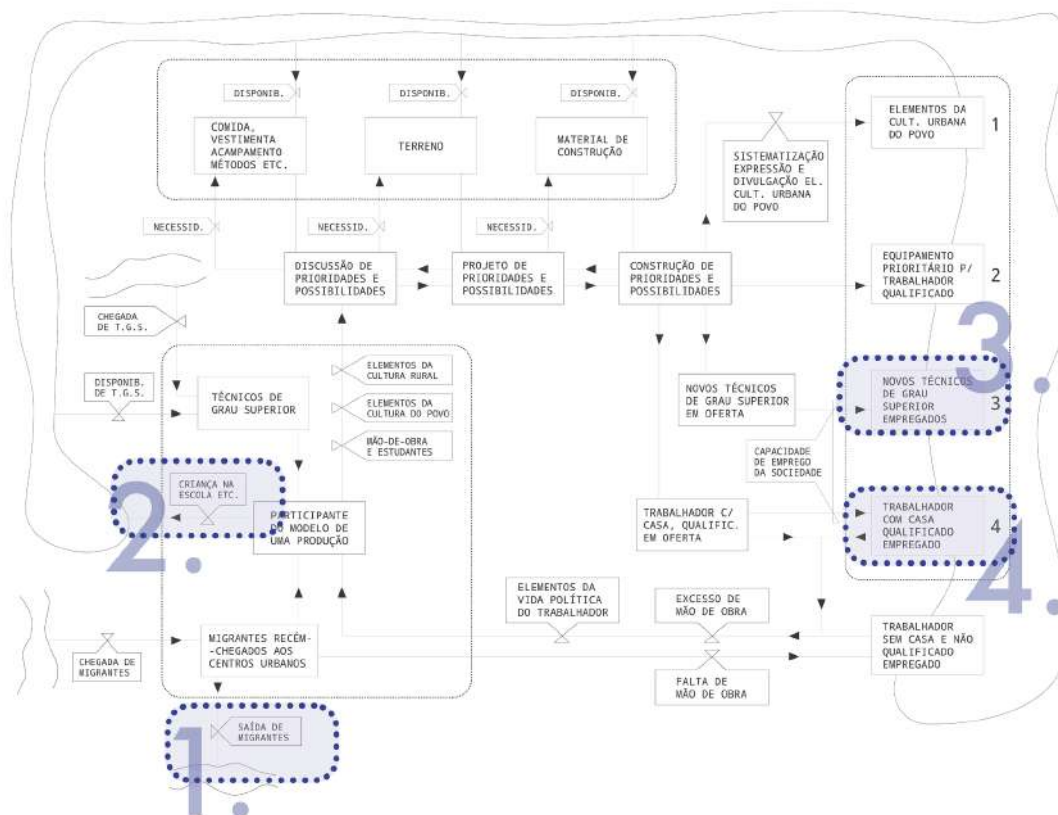
As saídas do sistema acontecem de 4 formas diferentes e são representadas abaixo (Figura 9). A primeira delas tem a ver com o desejo do integrante de sair ou mudança para outro estado, se assim desejar. A segunda consiste em fator determinante como "educação" institucional. No seu texto, Lefèvre discrimina como "criança na escola, jovem no meio universitário", entendendo que caso seja desejo desse integrante, ele pode procurar outras atividades fora do Acampamento de Obras, resultando assim sua saída do sistema.

Figura 9. "Saídas" dentro Fluxograma. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

A terceira saída é a mesma da entrada chamada "Novos Técnicos de Grau Superior" e Lefèvre a esclarece da seguinte forma:

O seu bloco tem entradas que são reguladas pela chegada de técnicos de grau superior de outras regiões do país ou pela disponibilidade desses mesmos técnicos aqui na RMSP e têm saídas, uma para outras regiões e outra para o modelo proposto. Sua contribuição será também importante, pois vai colocar para o modelo os elementos da cultura burguesa, a cultura desenvolvida anteriormente à época de transição com vistas ao processo de acumulação capitalista e que os formados nas universidades possuem como conhecimento organizado, transmissível. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 250)

No seu entendimento, era necessário conhecer esses "elementos" e compreender como eles funcionam depois da transição que ele propõe. Lefèvre



reconheceu que apesar de ser passivo a críticas, o processo de acumulação auxiliou para que os “meios de produção, máquinas, edifícios, técnicas, conhecimentos organizados, métodos” (LEFÈVRE, p.250) fossem ainda válidos para o modelo e, para exemplificar, ele traz a experiência de Sérgio Ferro em Grenoble. Assim, a saída dos técnicos tem a ver com a transmissão dos conhecimentos gerados e acumulados durante sua estadia dentro do Acampamento e a comunhão entre as diferentes culturas.

Ainda, por último, a quarta saída é a do "Trabalhador com casa qualificado empregado", ou seja, o resultado esperado do Acampamento, quando o migrante é reintroduzido no meio urbano e possui a Cultura Urbana do Povo.

2.4. A cultura incorporada no Acampamento

A ideia de cultura que Lefèvre incorpora em seu Acampamento é provavelmente o elemento mais importante e mais discutido na dissertação de mestrado. Como dito antes, é através dos estudos de Durham, Menezes e Thiéblot que Lefèvre formula a

sua noção do conceito e esse aspecto aparece em momentos diferentes do capítulo. A centralidade de sua proposta está voltada nessa construção daquilo que, ao final de seu texto, ele chamará de Cultura Urbana do Povo:

Por outro lado, tudo isso montado com um sentido de realimentação da cultura, tomando o conhecimento dos participantes como ponto de partida, isto é, contradições internas de sua estrutura de conhecimento, base do desenvolvimento do conhecimento e base do desenvolvimento da cultura. O modelo de uma produção proposto, tomando como motivação principal a situação dos migrantes nos grandes centros urbanos, nada mais é do que a criação de condições para o desenvolvimento das contradições internas do conhecimento dos migrantes, criar contradições externas que estabeleçam condições para a manifestação do conhecimento dos migrantes garantindo a sua participação, essencial, na sua própria formação e na formação da cultura urbana do povo. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 269)

Essas trocas feitas entre os migrantes e os técnicos devem ocorrer como temas de trabalhos e elas têm a obrigação de ser horizontais, já que Lefèvre estabeleceu o método pedagógico de Paulo Freire na questão de ensino. O papel e a influência do pedagogo aparecerá no futuro nessa dissertação. Por enquanto, basta dizer que, ao fazer o migrante reconhecer que seu conhecimento é tão importante quanto ao do técnico, faria com que a troca fosse enriquecida, criando a autoestima necessária para que ele fosse um agente ativo no meio urbano e não deixado à margem.

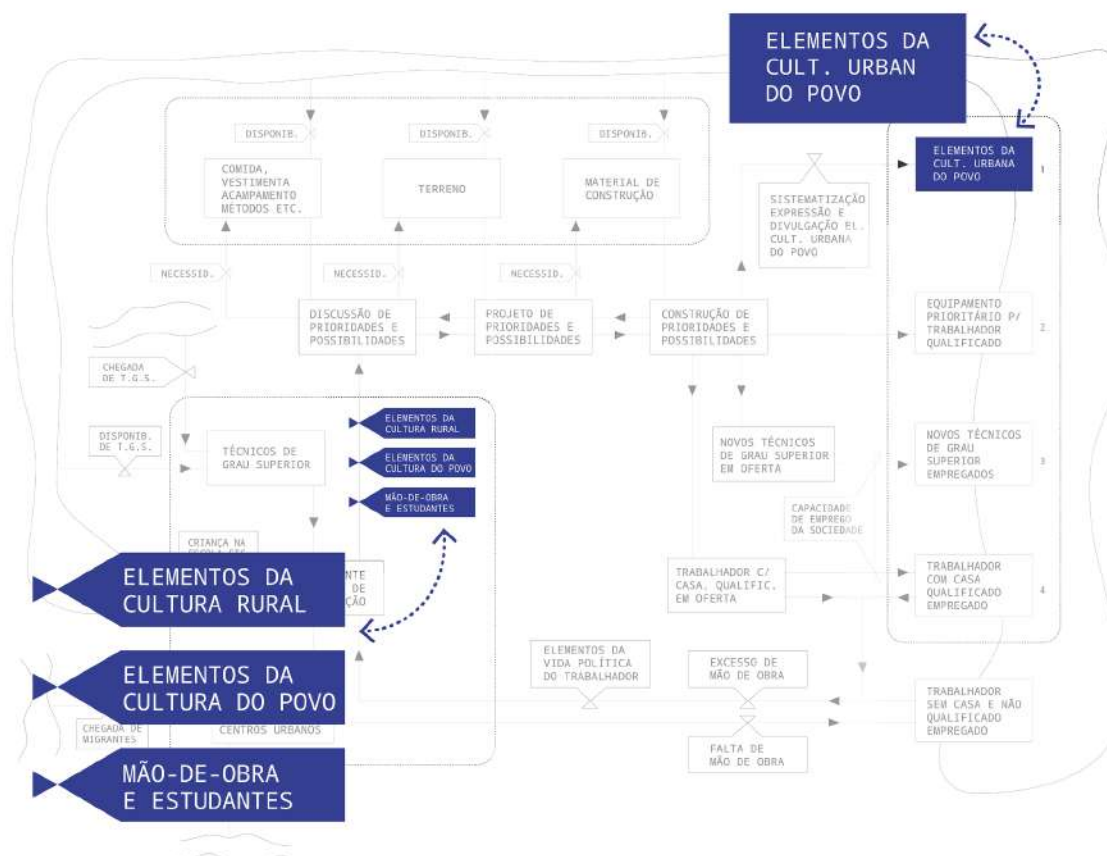


Figura 10. Destaque para o aparecimento da "Cultura" no sistema. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Nessa imagem, há uma ampliação onde os elementos culturais são discutidos e podemos ver que três quadrantes estão reservados. Aqui, eles flutuam dentro de um quadrante branco, o Acampamento, onde os elementos culturais — o folclore — será transmitido.

Nesse momento, precisamos voltar um pouco e observar que o Técnico e Migrante encontram-se no quadrante nomeado como “Participante do Modelo de uma Produção” e juntos vão para os três quadrantes de cultura, para então chegarem à discussão da proposta.

Nesses três quadrantes, há um que se destaca pelo título. Logo abaixo dos quadrantes “culturas”, o terceiro está escrito “mão de obra e estudantes”. Esse significa que o integrante do sistema terá várias características simultaneamente. Não existe uma determinada ordem, explicada no texto, mas entende-se que esse participante é representado por esse quadrante e seus conhecimentos - elementos da cultura do povo e elementos da cultura rural - são a base para toda montagem da cultura final,

que Lefèvre chamará de elementos da cultura urbana do povo (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 250). Um pouco antes no texto, Lefèvre reafirma que o sistema é um sistema aberto, portanto, usado também esse espaço para restabelecer que os migrantes e a população poderão se relacionar e essa é uma questão fundamental para criação dessa nova cultura, apresentada na segunda ampliação "Elementos da Cultura Urbana do Povo".

2.5. Qual era a Utopia adotada por Lefèvre

Para entender qual era a utopia adotada por Lefèvre devemos voltar para o primeiro capítulo "Por que Utopia?", em que Lefèvre explica o que ele pretendeu na época de transição e em quais conceitos ele se baseou.

A proposta, em termos sucintos, consiste em pensar no que poderá ser, numa época de transição para uma estrutura nova de sociedade, mais humana do que a de hoje, a montagem de uma espécie de escola, onde cerca de 2 mil migrantes, organizados de uma forma descrita no capítulo seguinte, possam vir a produzir, durante alguns meses, o seu local de moradia, casa e bairro, sendo que para essa produção o Estado contribui com terra, material de construção, abrigo provisório e alimentação, métodos pedagógicos de alfabetização e de formação profissional. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 203)

Na citação acima, retirada do quadro de sistema de decisões apresentado por Lefèvre (1981. p. 265), compreende-se que a utopia era a própria escola e o papel do Estado dentro do Acampamento.

A "utopia" adotada por Lefèvre conduziria a uma "sociedade melhor administrada do que a atual" (PETITFILS, apud LEFÈVRE, p. 204). O arquiteto teceu uma crítica aos modelos utópicos completos, baseado em uma literatura especializada. Considerou a Utopia identificada a idealizações sociais quase ingênuas que se apresentam como "maravilhosas ou fascinantes" foi criticada. Segundo os autores, adotados por Lefèvre os utopistas negam o mundo material ou o "vale de lágrimas", que são, em última instância, o que as levaram a existir, conformando um escape da realidade material da sociedade. A razão por trás disso é justamente, segundo esses autores, que esses modelos utópicos pareciam desdenhar dos sistemas "partidários das ações revolucionárias que acabam, muitas vezes, por fazer da revolução um fim em si, rejeitando pensar sobre modelos posteriores" (LEFÈVRE, 1981, p. 205).

Rodrigo Lefèvre argumenta que é possível inferir, a partir de Marx, conceitos para fundamentar a sua própria visão utópica. Para Rodrigo Lefèvre, Marx e outros autores marxistas como Henri Lefebvre, permitem definir uma utopia aplicável, que considera a realidade material pré-existente. Ele se apoiou em autores como Petitfils (1977), Bestúzhev-Lada (1973) e Mannheim (1972). Rodrigo Lefèvre enfatiza um ponto em comum para os autores: para alcançar um mundo melhor. Eles primeiro diagnosticaram o que havia de "errado" com o existente. Essa ideia também seria parte da metodologia utilizada por Lefèvre. Segundo o próprio arquiteto:

Com esse conceito de utopia que, tanto em Mannheim (genérico, abstrato) como em Lefebvre (particular, urbano) exige um compromisso político de quem elabora "utopias", é possível trabalharmos. Podemos formar descrições minuciosas de um mundo imaginário e edênico, correspondendo a uma sociedade melhor administrada, uma representação volitiva de um futuro desejável, mas que, ao contrário dos conceitos transcritos no início deste capítulo, não sejam situados fora do espaço e do tempo, se baseiem na compreensão científica possível das leis objetivas que regem a evolução da natureza e da sociedade, e que nos coloquem preocupações quanto aos caminhos que nos levarão a ela e quanto aos empecilhos que nos impedirão de chegar a ela.

A busca é de participação na dinâmica do desenvolvimento da sociedade, lembrando que utopias que correspondam à vontade da maior parte da sociedade, dentro de certas condições de organização política, poderão ser simplesmente predição de um futuro próximo, ao "alcance das mãos", poderão ser um sonho pleno e uma vontade coletiva possível de cumprir. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 216).

Basta dizer, por enquanto, que essa foi sua posição. Os conceitos de utopia, abordados nesse capítulo, voltarão a ser tratados no próximo capítulo, principalmente nos itens que abordam o trabalhador, a força de trabalho, a habitação e a relação com Sérgio Ferro. Contudo, podemos observar que Rodrigo Lefèvre procurou desresponsabilizar o migrante/trabalhador de seu "fracasso" quando fosse construir sua casa e essa não se adequa ao ideal para que um ser humano a habitasse. Isso porque ele apenas tem tempo para construí-la, quando está de folga, ou após seu horário de trabalho, ou seja, enquanto está ajudando a construir a cidade, deixa de ter disposição para construir seu próprio lar (um direito fundamental); torna-se explorado duas vezes pelo sistema capitalista. E, ainda que houvesse uma iniciativa externa para materiais de construção, seria impossível alcançar um projeto satisfatório, já que não tinham conhecimento técnico o suficiente para uma construção salubre, livre de umidade e suficientemente insolada.

A meu ver, um processo extensivo de autoconstrução aplicado hoje só se justificaria do ponto de vista coletivo, se toda a

coletividade, direta, ou indiretamente através do Estado, participasse do processo. Por exemplo, o trabalhador tendo uma licença de seu trabalho com vencimentos, durante seis meses, para a construção de sua casa (com o mesmo caráter que uma trabalhadora tem, hoje, uma licença remunerada para ter um filho); além disso, o Estado usando aquela mais-valia recebida dos capitalistas através dos impostos para fornecer, gratuitamente, terreno e equipamentos e materiais de construção para a construção da casa. Nesse caso, apesar de cada trabalhador construir sua casa, a justificativa só individual cairia por terra: restaria uma justificativa coletiva de que a casa é elemento fundamental, para uma melhor reprodução da força de trabalho em todo o país e, portanto, todos os trabalhadores têm de usá-la como meio de subsistência. Pelo fato de ser anseio, projeto, vontade coletiva de todos, organizações de trabalhadores poderiam se formar para implementar métodos construtivos mais eficazes do que aqueles com os quais cada trabalhador faz isoladamente a sua casa. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 232).

2.6. O papel do Estado no Acampamento

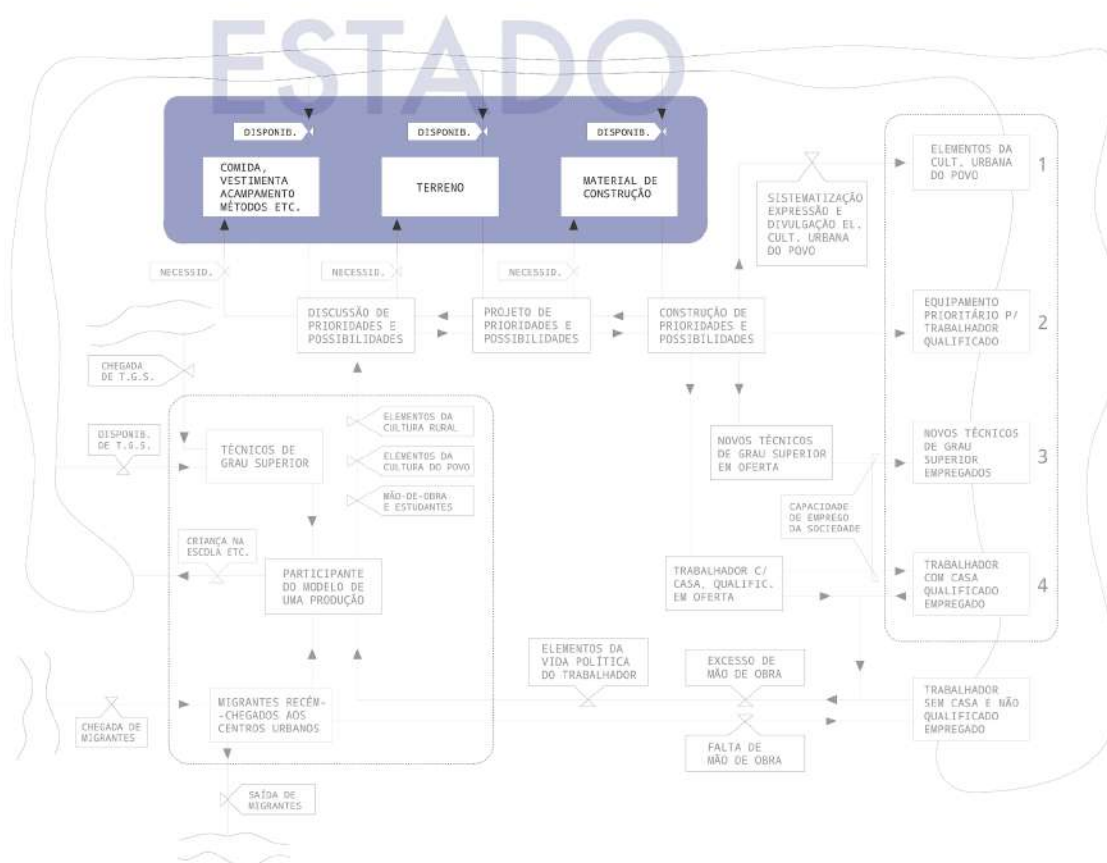


Figura 11. Recorte e ampliação do lugar do Estado no Fluxograma. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

O papel do Estado pode visto em dois momentos. O primeiro já foi apresentado acima, em que Lefèvre explicou que, com a contribuição do Estado usando mais-valia

recebida dos capitalistas através dos impostos para fornecer, gratuitamente, terreno e equipamentos e materiais de construção para a construção da casa, e uma pausa no período de trabalho do migrante/trabalhador para concepção da habitação, seriam as únicas via para consolidação de sua utopia. Essa explanação encontra-se no capítulo I e, o segundo momento em que Lefèvre colocou, de forma reduzida, sua atuação, encontra-se no capítulo II, uma vez que, no anterior, a detalhou.

O lugar do Estado encontra-se nesse nó e dentro dele os elementos necessários para a adaptação do integrante do fluxograma no sistema urbano e, vice-versa, para que sua cultura rural também transforme a cultura urbana. Segundo Lefèvre, em seu texto:

Os três blocos principais colocados acima, no desenho, representam três partes do processo de produção das casas, dos equipamentos urbanos de uso coletivo ou do bairro em si, que deverão acontecer concomitantemente, num processo de interação da discussão, do projeto e da construção de edifícios ou infraestrutura urbana prioritários e das possibilidades da efetivação. Esta interação terá ligações com o meio, lembrando que é a RMSP, e em relações com o Estado, com organizações de trabalhadores ou moradores e com empresas privadas industriais, de serviços ou comerciais que ainda existam, obterá gratuitamente todas as condições de vida para os migrantes participantes, desde roupas, passando por alimentos, acampamento provisório, terreno livre, materiais de construção. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 252)

Ainda, nesse mesmo bloco textual, é quando Rodrigo Lefèvre apresentou seu modelo de pré-fabricados apenas os citando. Suas imagens seriam apresentadas no capítulo VII.

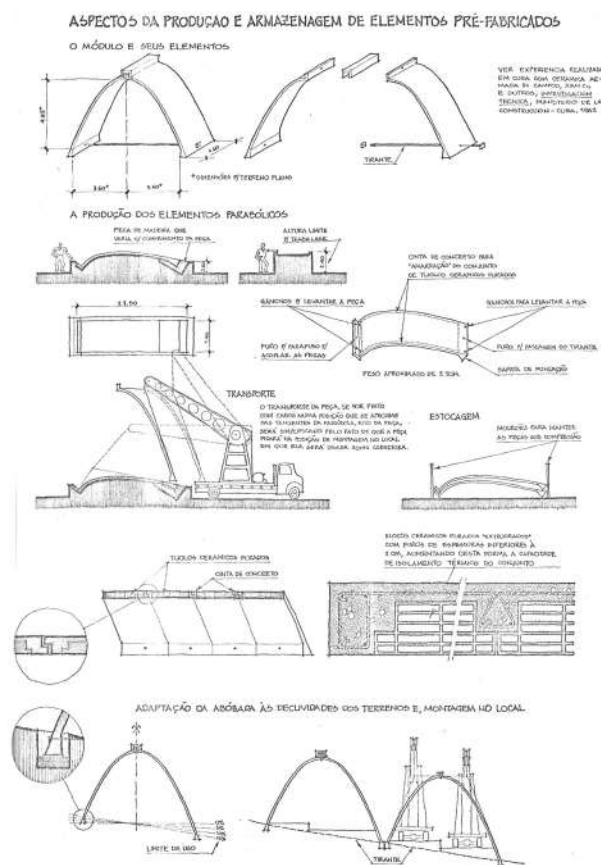


Figura 12. Aspectos da produção e armazenagem de elementos pré-fabricados. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981.

O "acampamento provisório" não teria um lugar fixo, mas sim em algum lugar em qualquer a região pela RMSP que estivesse disponível, sendo tomado pelo Estado como pagamento dos impostos ou outorga onerosa. O modelo de trabalho dentro do Acampamento consistia em apenas oito horas diárias. Ainda, contava com outras instituições como a licença remunerada para a mulher trabalhadora, o ensino gratuito e bolsas de estudo e verbas para pesquisas em entidades públicas ou governamentais (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 253).

Foi ainda nesse trecho que, finalmente, Lefèvre esclareceu o nome "modelo de uma produção":

Trata-se dessa produção múltipla, que complementa e se relaciona com a produção geral, buscando apenas que o migrante, chegado ao grande centro urbano, possa passar rapidamente por certas etapas de adaptação à vida urbana e, por outro lado, possa contribuir para adaptar a vida urbana aos padrões de comportamento vigentes nas comunidades rurais de onde vieram. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 254)

2.7. Programa de Ensino/Trabalho

Nessa etapa do trabalho de Lefèvre, existe uma analogia da teoria sobre o acampamento com o sistema de representação de projeto, mais especificamente com os cortes. Esses cortes são transversal e longitudinal. O primeiro é o conjunto de relações imateriais e o segundo, de relações materiais, ainda que sejam subdivididos em fases.

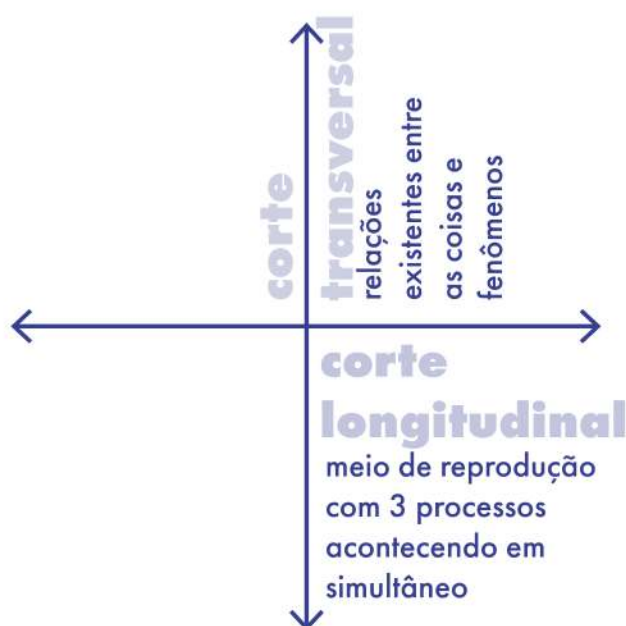


Figura 13. A diferença entre as relações de discussão e de execução. Corte elaborado pela autora, pelos escritos de Lefèvre. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

O corte transversal é explicado pelo arquiteto da seguinte maneira:

O corte transversal será pensado como o conjunto de relações existentes em um momento dado do desenvolvimento do trabalho, relações entre coisas e fenômenos e entre conjunto de coisas e conjunto de fenômenos. Nessas coisas e fenômenos estão incluídos todos os elementos das subjetividades dos indivíduos diretamente ligados ao trabalho, todos os elementos concretos relacionados com o desenvolvimento do trabalho, e todos os elementos abstratos representados por suas subjetividades ou por suas expressões. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 253)

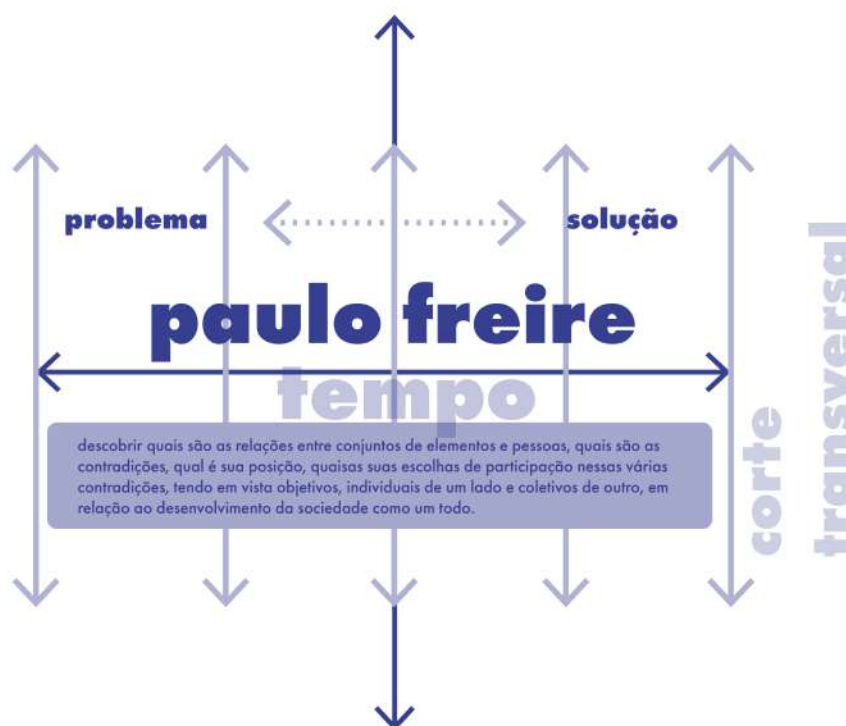
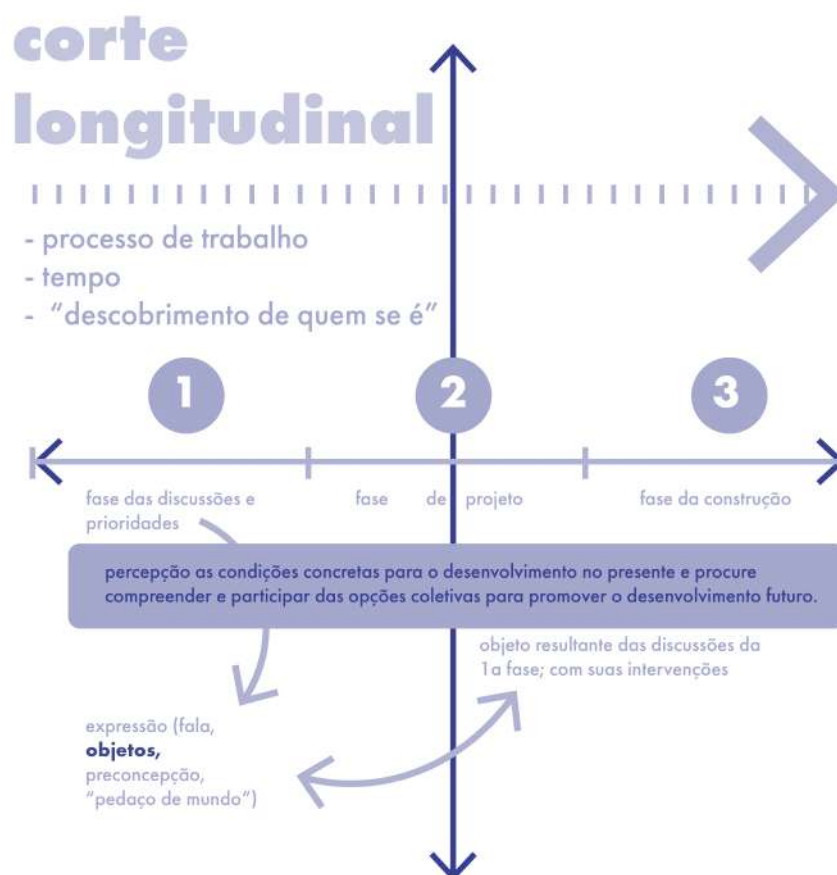


Figura 14. Corte Transversal elaborado pela autora pelos escritos de Lefèvre. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Ainda, mais para frente no texto, esse corte aparecerá no processo como múltiplos cortes e eles representam os momentos em que os integrantes estão vivendo. Como Lefèvre pretendeu aplicar o método freiriano, que reflete esse processo único e que cada integrante tem seu próprio tempo para se reconhecer em seu "pedaço de mundo". Nesse corte transversal ocorrem as discussões do modelo, das questões ligadas à subjetividade da vida urbana, do trabalho e de suas relativas percepções e representações. Torna-se, então, o arcabouço do debate, o local onde a consciência começa a se formar.

O corte longitudinal, no entanto, possui outra definição. Aqui, é o processo de trabalho que se procura representar. Para Lefèvre, esse corte é dividido em três fases: a fase da discussão das prioridades e possibilidades, a fase do projeto das prioridades e possibilidades e a fase da construção das prioridades e possibilidades. Essas três

fases serão explicadas melhor no tópico a seguir. Aqui explicaremos principalmente



como o corte longitudinal funciona.

Figura 15. Cortes longitudinal elaborados pela autora pelos escritos de Lefèvre. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Lefèvre estipula que há três processos: o de produção, o meio a ser utilizado e o de conservação. Cada um deles gera pelo menos três processos novos, multiplicando-se assim por diante. Em seus exemplos, ele realizou uma analogia com um carro. O 1º processo agregado a ele é o de produção (o fim: o carro). Uma vez produzido, o carro é o produto, mas, também, torna-se um meio de transporte (ele auxilia outros processos), ou seja, tem seu 2º processo atribuído. Porém, para se manter conservado, ele precisa de locais que não o estraguem, ou seja, gera um 3º processo: a construção de ruas, estradas e pontes, produção de combustível e mesmo uma rede de postos. Assim, a sua contribuição não morre assim que o carro é produzido, mas gera uma rede de outros movimentos.

Rodrigo Lefèvre ainda traz o exemplo do ser humano dentro dessa concepção:

Outro exemplo ainda: pode-se dizer que uma pessoa humana é, num instante, o produto de uma combinação de vários processos de produção e vários processos de desenvolvimento. Nesse mesmo instante, nesse mesmo corte transversal ela age – age e pensa – tendo em vista a transformação de objetos e exige uma série de produtos para a sua conservação e reprodução. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 259)

Ou seja, seu papel, dentro do corte longitudinal, por consequência é o processo do trabalho. Atribui, ainda, o fator tempo, através das três fases, o integrante é o movimento que constrói o aprendizado no Acampamento de Obras e os demais processos, multiplicando-os através das prioridades e possibilidades.

2.8. Discussão das prioridades e possibilidades

3 Sistemas de relações		3 Fases		
		Discussão das prioridades e possibilidades	Projeto das prioridades e possibilidades	Construção das prioridades e possibilidades
Identidade entre sujeito e objeto		Ao expressar a “pré-concepção”, Cada risco, cada palavra, cada gesto, cada objeto produzido, cada reunião, cada olhada pode fazer retomar imediatamente ao cérebro percepções que alteram as representações que os participantes têm.	Ao organizar a “concepção”,	Ao realizar a “concreção”.
Não identidade sujeito-objeto	Análise de elementos e relações reais	“Préconcepção”	“Concepção”	“Concreção”
	Análise de elementos e relações representadas ou incompletas	“Préconcepção”	“Concepção”	“Concreção”

Figura 16. Quadro do sistema de decisões. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

O quadro apresentado por Lefèvre segue a linha de raciocínio de um projeto: discussão - projeto - construção. A sequência das etapas consolidam o projeto final. A primeira é o primeiro passado do reconhecimento: qual é o objetivo final? Sua importância? Como desenvolvê-lo? O que o caracteriza? Essas ideias devem ser

discutidas e expressadas de acordo com a percepção e a "preconcepção" dos integrantes do modelo:

Com essas "preconcepções" do que seja possível e prioritário para solução dos problemas que envolvem a construção de alguma coisa pelos participantes do modelo, duas coisas poder-se-á fazer: uma, levar ao meio ambiente, ao conjunto da sociedade, um rol de necessidades (principalmente o local), que será atendido dentro das disponibilidades da RMSP; outra, iniciar o processo de detalhamento e de construção dos equipamentos julgados prioritários. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 263)

A segunda fase, a de projeto, será a de detalhar o processo das soluções "preconcebidas". E a terceira, a da construção, passará a funcionar como uma espécie de sistema vivo e flexível:

E a cada momento da construção, a cada gesto, tomar o objeto em construção como um elemento que, de novo, tem três papéis: modificador de representações que os participantes têm sobre o próprio objeto em construção; objeto que, mesmo inacabado, admite análise como tal, a cada instante da construção; e o de "concreção", isto é, de fato um "pedaço de mundo" que, mesmo inacabado, corresponde a uma parte daquilo que se "pré-concebeu" e se "concebeu". A partir da etapa de "projeto", várias coisas deverão ser feitas: uma volta à discussão das prioridades em função de verificações de impossibilidade ao fazer o projeto; a elaboração de um novo rol de necessidades para a construção, que a sociedade poderá atender, dependendo das suas disponibilidades; e por fim, iniciar a "construção" dos equipamentos "concebidos". (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 264)

2.9. Exposição e proliferação do que foi aprendido no Acampamento

A última etapa do Acampamento, encontra-se no final do fluxograma.

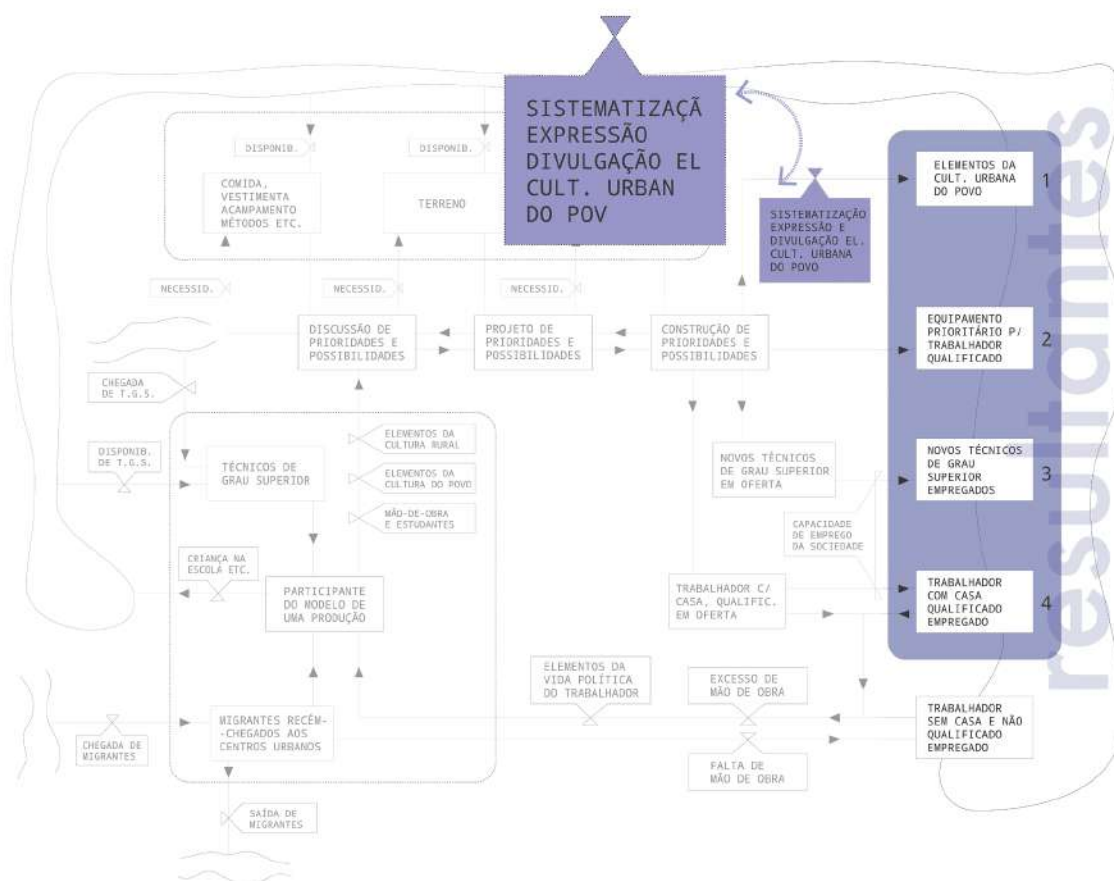


Figura 17. Destaque para o quadro de resultantes dentro do sistema. Modelo de uma produção, na época de transição. Intervenção da autora. Fonte: Rodrigo Lefèvre, 1981. 2021.

Já a partir da etapa de “construção”, outras várias coisas deverão ser feitas: uma volta à discussão e ao projeto das prioridades em função de verificações ao construir, em função de problemas novos não previstos, consequência da própria construção e de problemas previstos, mas que com as construções realizadas, passaram a ter soluções possíveis; iniciar medidas tentando sistematizar e divulgar as experiências já passadas para contribuir para a formação da cultura urbana do povo; iniciar o processo de dispensa de participantes no modelo, tanto de migrantes como de técnicos de grau superior, que a sociedade tenha condições de absorver na produção geral, só que, agora, num outro grau de formação, num outro grau de compreensão do urbano, da cultura do povo, da cultura erudita, dos problemas dos migrantes, dos problemas da construção, dos problemas da vida na época de transição, dos problemas a enfrentar para se chegar à sociedade para a qual se está em transição, dos problemas políticos, econômicos e culturais implicados em tudo isso. Por outro lado, em qualquer das três fases, em qualquer corte transversal, podem ser examinados aqueles três sistemas de relações que podem ser assim esquematizados. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981. p. 264)

Após navegar pelo fluxograma, os quatro resultados finais são: "elementos da cultura urbana do povo", "equipamento prioritário para o trabalhador", "novos técnicos

de grau superior empregados" e "trabalhador com casa qualificado empregado". Esses elementos estão integrados ao meio urbano e fazem parte da sociedade ao final da transição. Uma vez que o *modo operandi* transformou-se dentro do sistema do Acampamento, mudanças no comportamento dos operários e dos empregadores também acontecem , impedindo que o ciclo de opressão perpetue-se e já não haja exploração pelo mais-valia. O migrante deixou, então, de ter duas jornadas de trabalho, tem uma casa salubre e sua cultura é parte da cultura urbana.

3: A pedagogia do Acampamento — A influência de Paulo Freire e sua pedagogia na dissertação de Rodrigo Lefèvre

3.1 O técnico no acampamento

O personagem, que Lefèvre chama de "técnico", apareceu no Acampamento pela primeira vez no capítulo II, O modelo de uma produção, numa época de transição:

A outra grande entrada de pessoas neste modelo de uma produção proposto é dos **técnicos de grau superior**. O seu bloco tem entradas que são reguladas pela chegada de **técnicos de grau superior** de outras regiões do país ou pela **disponibilidade desses mesmos técnicos** aqui na RMSP e tem saídas, uma para outras regiões e outra para o modelo proposto. Sua contribuição será também importante, pois vai colocar para o modelo os elementos da cultura burguesa, a cultura desenvolvida anteriormente à época de transição com vistas ao processo de acumulação capitalista e que os formados nas universidades possuem como conhecimento organizado, transmissível. (LEFÈVRE, Rodrigo. 1981, p. 250)

O arquiteto não o definiu como "técnico" como arquiteto, engenheiro, urbanista ou qualquer profissional acerca do universo arquitetônico, pelo contrário, ele diz que qualquer pessoa com ensino superior poderia ser um técnico. Em primeiro momento, também os descreveu com o importante papel de apresentar aos migrantes os elementos da cultura burguesa, como chama, e desenvolver um diálogo com elementos da cultura do povo.

Contudo, conforme discrimina sobre a função, Lefèvre passou a explicar como essa "troca" aconteceria. Em seu pensamento, enquanto a cultura do povo (a cultura do viver) é explicada aos técnicos, esses poderiam oferecer conhecimentos sobre conforto ambiental, nutrição, alimentação etc. Porém, torna-se breve seu aparecimento nesse conjunto textual, pois Lefèvre decidiu tratar dos técnicos no capítulo V, onde ele os reintroduziu e desenvolveu uma crítica sobre a postura dos profissionais. Ainda mais tarde, no texto, Lefèvre descreveu, mais detalhadamente, como as mudanças no comportamento seriam vitais para que houvesse uma dinâmica boa dentro do Acampamento.

Sua disponibilidade acaba afetando o processo de entrada de migrantes, já que para que a horizontalidade seja alcançada, é preciso de um equilíbrio na quantidade de pessoas e nas trocas propostas pelo arquiteto.

No capítulo onde Lefèvre dá maior ênfase em seu papel, "**Algumas características das atitudes do técnico de grau superior em relação aos seus trabalhos**". Uma crítica é tecida sobre o distanciamento que os arquitetos criam entre si e os demais e estes são os operários de obras ou seus alunos. A motivação por trás dessa atitude transparece no decorrer do texto, mas é importante apresentar alguns conceitos que Lefèvre usou para trabalhar sua crítica. Nesse capítulo, o arquiteto apresenta trechos de um texto de autoria própria publicado em 1977: Notas de um Estudo sobre Objetivos do Ensino da Arquitetura e meios de atingi-los em Trabalho de Projeto sem o referenciá-lo e está transcrito em trechos plenos em algumas partes. Nesses trechos, encontram-se os conceitos que também apareceram na dissertação e que são referenciados em críticas passadas.

O primeiro, e talvez o mais importante deles, é o conceito de subjetividade que Lefèvre construiu para exemplificar como o imaginário do arquiteto (seja ele professor, aluno, técnico etc) funciona. Entende-se então que para Lefèvre, a "subjetividade" e suas variantes são:

- Subjetivo: relativo ao sujeito pensante (em oposição a **objetivo**, que se refere ao objeto pensado); num sentido mais amplo, tudo o que existe sob a forma de estado psicológico.
- Subjetividade: o conjunto de tudo o que existe sob a forma de estados psicológicos, no indivíduo.
- Subjetivismo: conjunto de atitudes e ações que, exercidas ou executadas de certas formas, tendem a deixar sempre desconhecida a subjetividade, fazendo com que ela atue na escolha e no desenrolar da ação, permanecendo em parte inconsciente.
- objetivo: aquilo que se refere ao objeto pensado.
- objetividade: o conjunto de tudo o que, na subjetividade do indivíduo, se refere a um conjunto de objetos e suas relações, inclusive a sua subjetividade.
- objetivismo: conjunto de atitudes e ações que, pretendendo uma objetividade, esquecem ou negam a subjetividade, não considerando que ela faz parte sempre dos elementos a que se deve referir uma parte desta mesma subjetividade, isto é, a sua objetividade. Podemos constatar, entre nós, três níveis de atitudes subjetivistas que correspondem a diferentes relações entre sujeito e os objetos e fenômenos que o cercam: primeiro, as relações entre um sujeito, com seu pensamento, com seu conhecimento, com sua subjetividade, e os objetos elaborados por ele mesmo como expressões dessa subjetividade; segundo, as relações entre um sujeito e os outros sujeitos com os quais se relaciona na elaboração de um trabalho, todos com suas subjetividades e com as expressões de suas subjetividades; enfim, o terceiro nível que corresponde às relações entre um sujeito e o conjunto de objetos

e fenômenos que formam todo o contexto no qual ele vive.
(LEFÈVRE, Rodrigo. 1981, p. 348)

Para Lefèvre, o técnico superior ausenta-se do exercício de autocrítica e do enfrentamento, expondo uma fragilidade ao negar-se diante de outras percepções da realidade ou questionamentos. Para ele, existem duas razões para isso: Quando um profissional dedica-se a um trabalho "teórico", desvinculado da prática, ele procura explicações para fatos que confirmem suas proposições. Assim, deixa-se de experimentar essas indagações a partir dos fatos e tampouco é capaz de conhecer as razões subjetivas por trás dessas tomadas de decisões, mascarando-as e impedindo de alterar as representações daquilo que chamamos de realidade. A outra razão que Lefèvre apontou é que ao se dedicar a um trabalho apenas prático, há a chance de negligência ao estudo de condições objetivas e também dos meios de produção. Também apontou a dificuldade que há em discernir sobre a diferença do real e de sua concepção.

3.2. Paulo Freire

Os arquitetos, que formavam o Grupo Arquitetura Nova (Lefèvre, Ferro e Império), discutiam sobre a transformação do operário em uma ferramenta a mais dentro do canteiro. Usada e descartada quando não fosse mais necessária, transformando-se em um objeto e não em um sujeito. A contribuição de Eunice R. Durham permite a Lefèvre resgatar uma dimensão cultural e subjetiva do operário no canteiro de obras. Essa dimensão será estratégica para o passo seguinte em direção à pedagogia do canteiro de obras incorporando dessa vez a contribuição da pedagogia de Paulo Freire, que junto com Durham, Menezes e Thiéblot, são as principais referências citadas no texto “Projeto de um Acampamento de Obras: Uma Utopia.”

Nos capítulos III e IV, Rodrigo Lefèvre cita Educação como Prática da Liberdade (1976), Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos (1976) e Conscientização (1979) de Paulo Freire. Os conceitos de libertação e conscientização constroem sua metodologia e possibilitam a nova "sociedade" que o arquiteto propôs descrever em sua dissertação. Com mais obras citadas, o pedagogo tornou-se uma de suas referências principais.

A "liberdade" citada por Freire é aquela que se estabelece assim que o indivíduo se reconhece como parte da sociedade em que está inserido. Torna-se capaz de tomar decisões próprias e conscientes e sem a influência de um "opressor". O "oprimido" deixa de imitar o opressor e assim evita que um novo ciclo de opressão tenha início, criando uma sociedade liberta. Uma vez que o "oprimido" deixa de ser neutralizado pelo processo de opressão, sua cultura é reconhecida e integrada em uma nova dinâmica social no acampamento de obras. O diálogo entre o Migrante e o Tecnólogo deveria acontecer de forma horizontal e a troca construída por dois lados equivalentes, transformando por um lado a prática da Construção Civil e por outro lado a realidade urbana de São Paulo. A mesma ideia de que o migrante tem um papel ativo dentro da sociedade é passada por Eunice Durham, que investigou qual era o lugar político dos indivíduos que foram estudados em *À Caminho da Cidade*.

Por conta da sua força de trabalho físico, pouca educação formal e pelo fato de aceitar qualquer oportunidade, não importa as condições, o operário submete-se a situações onde ele está no fim da cadeia, explorado e utilizado como uma forma de "meio" para a construção. A sua intelectualidade e conhecimentos são descartados por

não serem tidos como "formais" ou "acadêmicos" e seu trabalho é alienado, recebe apenas ordens e as cumpre sem questionar, já que tudo que conhecem não é "relevante" e são, também, excluídos de qualquer processo de projeto.

Esses operários, no entanto, aprendiam com o que construíam e passavam a produzir suas residências com as condições que tinham. Essas eram produzidas de forma espontânea e não interessavam aos técnicos urbanos. Eram, portanto, uma prática inútil e, por consequência, considerada “descartável” pelo sistema culto da arquitetura, mesmo que fossem as formas mais utilizadas para a provisão das moradias desses operários que se instalavam na periferia.

Lefèvre identificou o oprimido dentro do canteiro de obras. Ele é o migrante de Durham. Ao atribuir um papel para a cultura do migrante no Acampamento, Lefèvre propõe, de forma prática, uma quebra do ciclo de opressão no canteiro de obras e estabelece o trabalho no canteiro de obras como uma prática de liberdade, aos moldes da pedagogia de Paulo Freire.

Conclusão: A Utopia

O lugar deste trabalho dentro da literatura especializada

Entre os trabalhos publicados a respeito de Rodrigo Lefèvre, sua obra “Projeto de um Acampamento de Obras uma Utopia”, permaneceu inédito até recentemente. O texto de Rodrigo Lefèvre é resultado da dissertação apresentada à FAUUSP, em 1981, para o programa de pós-graduação em Estruturas Ambientais Urbanas, sob orientação de Nestor Goulart Reis Filho¹⁰. O texto foi publicado, pela primeira vez, na coletânea de textos de Lefèvre “Arquitetura Moderna Brasileira: uma crise em desenvolvimento” (KOURY, 2019).

Entretanto, o “Acampamento de Obra” não chegou a ser explorado em detalhes nessa coletânea e nem no livro Grupo Arquitetura Nova (KOURY, 2003). Pedro Fiori Arantes (2002) também não contemplou em detalhes esse texto de Lefèvre. Seu trabalho é uma grande contribuição para compreender o contexto e desenvolvimento da Arquitetura Nova, mais do que uma contribuição ao estudo do método proposto por Lefèvre. Miguel Buzzar (2019) não se aprofundou no Acampamento de Obras e, em seu livro sobre Rodrigo Lefèvre, explorou a participação do arquiteto na empresa de Engenharia Consultiva Hidroservice na década de setenta e início dos anos oitenta. Ainda assim, mesmo de forma reduzida Buzzar (2019) apresentou a dissertação de Lefèvre. Concentrou-se na influência de Francisco de Oliveira e de Paulo Freire, sem explorar o conjunto das bases teóricas trabalhadas por Lefèvre. A análise de Buzzar procurou uma explicação dos antecedentes da dissertação baseada na atividade profissional e na orientação política de Lefèvre. Outro autor a mencionar o Acampamento de Obras é Humberto Pio (2006) em sua dissertação de mestrado. Esse analisou os desenhos das abóbadas e o capítulo final, “o projeto do acampamento de obras”, em que Lefèvre apresentou o objeto a ser produzido e o processo de libertação da alienação do construtor. O último trabalho publicado a respeito do Acampamento de

¹⁰ Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (1955) e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1962). Atualmente é professor catedrático (titular) da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em História e Teoria da Urbanização, do Urbanismo e da Arquitetura, atuando principalmente nos seguintes temas: patrimônio, urbanização colonial e urbanização contemporânea, em especial no que se refere ao Brasil. (Fonte: Currículo Lattes)

Obras foi o artigo do americano William Watson, em 2020, sob o título de *Migration: Reflections from a Looking Glass*. Esse foi o único trabalho que abordou o tema central da dissertação, os migrantes e a utopia de inserção desse grupo na sociedade urbana brasileira, ainda que atribuindo ao texto uma explicação teórica foucaultiana, distante das referências adotadas por Lefèvre nessa obra.

O presente trabalho aprofunda essa última linha de discussão do texto de Rodrigo Lefèvre e esclarece as suas referências teóricas para a caracterização do migrante, em sua própria definição de subjetividade e de sua cultura. Lefèvre vale-se de uma ampla revisão bibliográfica discutida nos capítulos três e quatro. Será Logo no capítulo dois que Lefèvre apresentou a caracterização da era de transição que pretende contribuir, a problemática dos migrantes e a metodologia do Acampamento de Obras.

A metodologia é sintetizada por um fluxograma de funcionamento do modelo proposto. Nesse fluxograma estão, os componentes e as etapas de funcionamento da nova estrutura social do acampamento, bem como as suas funções e o papel dos agentes envolvidos — o migrante, o técnico e o Estado. O Acampamento de Obras seria instalado, inicialmente, em diferentes locais da RMSP, mas Rodrigo Lefèvre também explorou a possibilidade que esse novo profissional pudesse percorrer o país e reproduzir a metodologia aprendida, propagando assim a pedagogia que o arquiteto propôs em diferentes locais. O Acampamento de Obras baseia-se na integração entre técnicos e operários e procura conhecer quem eram os trabalhadores da construção civil. Rodrigo Lefèvre buscou com isso construir uma pedagogia no canteiro de obras com o objetivo de acabar com a "opressão", inerente à relação entre arquitetos e trabalhadores da construção.

Rodrigo Lefèvre percebeu que a opressão começa na cidade, onde os migrantes são forçados a abandonar seus hábitos e aceitar os hábitos urbanos. Na cidade são explorados e inferiorizados pela ausência de uma formação técnica e qualificada. As condições precárias de trabalho dos operários da construção justificam-se nesse ciclo.

O tema da exploração do trabalho no canteiro de obras e o risco de morte a que os trabalhadores foram expostos nos canteiros de Brasília, por exemplo, foi um assunto muito debatido pelo arquiteto e por seus colegas (Ferro e Império), na crítica à ideologia do desenvolvimento brasileiro.

A ideia de 'Arquitetura Nova' é mostrar o que se passa entre o desenho arquitetônico e o edifício realizado, isto é, o canteiro de obras, o mundo infernal da construção civil. São os trabalhadores os que mais fornecem riqueza ao país e ao mesmo tempo os que mais sofrem com acidentes de trabalho e com as doenças mais prejudiciais. Há um contraste entre a riqueza que eles produzem e as condições nas quais eles produzem essas riquezas. (FERRO, Sérgio. 2019)

A busca individual de Lefèvre em direção à melhoria das condições de trabalho material no canteiro de obras, guiou-se pela pedagogia de um Acampamento Escola que pudesse ser aplicado e reproduzido em diferentes regiões metropolitanas. Para realizar essa pedagogia, Lefèvre caracterizou a subjetividade do operário de obras e a sua identidade cultural fundamentado pela Antropologia Urbana, criando uma proposta alternativa à Casa Popular (1969) e ao livro *Crítica ao Canteiro de Obras* de Sérgio Ferro¹¹ (1979), que opera no mesmo sentido de uma práxis materializada no canteiro de obras da arquitetura.

Por fim, conclui-se que muito já se escreveu a respeito do arquiteto e essa obra, mas foram poucos os trabalhos que abordaram a dissertação de mestrado de Rodrigo Lefèvre em sua plenitude. Os textos que pretenderam explorar sua dissertação obliteraram sua visão crítica sobre os movimentos migratórios em função dos desenhos apresentados em seu capítulo final (capítulo 07), como também quais eram os aspectos que caracterizavam sua visão de utopia. A contribuição deste trabalho é o estudo sobre a obra inédita de Rodrigo Lefèvre e a compreensão de sua relação com a Antropologia Urbana. Pretendeu encontrá-lo em seu lugar, em uma lacuna de sua trajetória, já apresentada por outros pesquisadores..

¹¹ Em entrevista, Sérgio Ferro explica a ideia central de seu livro *Crítica ao Canteiro*: A tese central de *O Canteiro e O Desenho* vem de Marx – e da visão da miséria dos canteiros. É bastante simples: como tudo sob o Capital. Arquitetura é mercadoria que o serve – e isso fornece o essencial do seu contorno entre nós. Se é mercadoria, procura sobretudo a mais-valia que alimenta o lucro. Para que haja mais-valia, há, forçosamente, exploração do trabalho, sua mutilação e submissão às autoridades representantes do capital. Na maioria esmagadora dos casos, a arquitetura faz parte desses representantes. Pouco importa a ideologia do arquiteto: nas condições « normais » de produção, ele serve ao capital (ou aos estados ditos socialistas – que o [Robert] Kurz já demonstrou serem variantes do capital). Segue uma série de consequências: irracionalidade do projeto (a simplicidade da construção exige injeções de boas doses de mistificação para justificar a « necessidade » da dominação); desaparecimento de qualquer vestígio de arte (que fruto exclusivo de trabalho livre) – e, no pólo operário, miséria, salários baixíssimos, doenças, acidentes, desqualificação etc. E a consequência positiva a tirar ainda: só uma arquitetura do trabalho livre (incluindo o trabalho do arquiteto) merecerá respeito. (FERRO, Sérgio. 2002. p. 3-4)

Referências

- ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **"A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica"**. In: **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Ed.: UNB, 5ª edição, 2000.
- DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**. 2ª edição. São Paulo: Debates: C. Sociais. Editora Perspectiva S.A, 1978. p. 9, p. 226, 148, 149.
- BUZZAR, Miguel Antonio. **Rodrigo Brotero Lefèvre e a vanguarda da arquitetura no Brasil**. São Paulo: Edição Sesc São Paulo, 2019.
- BESTÚZHEV-LADA, I. **El Futuro de la Sociedad**, Moscou, Progreso, 1973.
- FERRO, Sérgio. **Arquitetura Nova. Teoria e Prática**. São Paulo, n. 1, 1967. FERRO, Sérgio. **O canteiro e o desenho**. São Paulo, Projeto. 1979.
- _____. **Arquitetura e luta de classes**. São Paulo, Boitempo, v.1, n. 15, 2002, p. 140-150. **Entrevista** concedida a Lelita Oliveira Benoit.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1972.
- _____. **"O papel educativo das igrejas na América Latina"**, *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.
- _____. 1921-1997. **Pedagogia do Oprimido**. 70 ed. São Paulo: Paz e Terra. 2019.
- KOURY, Ana Paula. **Grupo Arquitetura Nova. Flávio Império, Rodrigo Lefèvre, Sérgio Ferro**. São Paulo: Romano Guerra Editora: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2003 — (Coleção olhar arquitetônico, v1).
- _____. **Arquitetura Moderna Brasileira. Uma crise em desenvolvimento. Textos de Rodrigo Lefèvre (1963-1981)**. Ana Paula Koury (org.) — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP. 2019.
- _____. **Arquitetura Construtiva - Proposições para a produção material da arquitetura contemporânea no Brasil**. Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. 2001 - 2005.
- GUIMARÃES, Humberto Pio. **Rodrigo Lefèvre, A construção da Utopia**. Dissertação de Mestrado, São Carlos, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, 2006. Publicado pela Edusp em 2003.
- LEFEBVRE, Henri. **"O Homem das Revoluções Políticas e Sociais"**, in: *Para um Novo Humanismo*, vários autores, Lisboa, Europa-América, [s.d.], p. 115 *et seq*, que constitui versão fiel da edição original dos Encontros Internacionais de Genebra de 1949.
- LEFÈVRE, Rodrigo. **Projeto de um Acampamento de Obra: Uma Utopia**. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
- GROSTEIN, M. D. **A cidade clandestina: os ritos e os mitos**. Tese de Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 1982-1987.
- _____. **Casa do Juarez. Ou...** São Paulo, n. 4, jun. 1971.
- _____. **Notas de um Estudo sobre Objetivos do Ensino da Arquitetura e Meios para Atingi-los em Trabalho de Projeto**. São Paulo, FAU-USP, 1977.

LIMA, Daniela Colin. Sérgio Ferro. *Entrevista*, São Paulo, ano 07, n. 027.01, Vitruvius, jul. 2006 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/07.027/3301>>>. Acessado pela última vez 04 de Maio de 2022, as 21hrs.

MARX, Karl. ***El Capital***, Cidade do México, Fondo de Cultura Económica, 1975, v. 1, p. 43.

_____. “**Observações à Margem do Programa do Partido Operário Alemão**”, in: Karl Marx e Friedrich Engels, *Marx e Engels – Obras Escolhidas*, Rio de Janeiro, Vitória, 1961, vol. 2, pp. 216-217.

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA. **Ficha Cebrap**. Acessado pela última vez em 12.12.2020. <<http://memorialdaresistenciasp.org.br/memorial/upload/memorial/bancodedados/131890295930489271_FICHA_CEBRAP_2017.pdf>>. Acessado pela última vez 04 de Maio de 2022, as 21hrs.

MENEZES, Cláudia. **A Mudança: Análise da Ideologia de um Grupo de Migrantes**. 1a edição Imago Editora LTDA, Rio de Janeiro e Instituto Nacional do livro: Ministério da Educação e Cultura, Brasília. 1976.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**, 2. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1972, p. 121.

PETITFILS, Jean-Christian. **Os Socialismos Utópicos**, São Paulo, Círculo do Livro, 1977, p. 19.

Sampaio, M. R. A. de. (1990). A casa brasileira. *Revista USP*, (5), 113-116. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i5p113-116>. Acessado pela última vez 04 de Maio de 2022, as 21hrs.

THIÉBLOT, Marcel Jules. **Rondônia: Um Folclore de Luta**. São Paulo, Secretária da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1977 (Coleção folclore, nº6).

OLÉA, Héctor. **Homenagem a Rodrigo Lefèvre. Canteiro**. *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 11, p. 32-3, jan. 1985.

VALÉRY, Paul. **Eupalinos ou O Arquiteto**. Tradução de Olga Reggiani. Editora 34. São Paulo. 2ª ed. 1996.

TORRES, Regina de C. **Arquivo sobre Obras de Arquitetura e Planejamento do Arquiteto Rodrigo Brotero Lefèvre**. Trabalho de graduação interdisciplinar, São Paulo. FAUUSP. 1975.

WATSON, W. *Migração : Reflexos de um Espelho*. *arq.urb*, n. 29, p. 58-64, 8 dez. 2020.

Apêndices

[illegible]

cap. 6: algumas transformações recentes na pedagogia	paul lengrand	introduction à l'éducation permanente	1970	2	360	1 - 2			
	antoine léon	psicopedagogia de los adultos	1972	1	362	3			
	georg lukács	ensaios sobre literatura	1965	1	363	4			
	francisco de oliveira	elegia para uma re(l)igão	1977	1	364	5		x	
	jean piaget	psicologia e pedagogia	1972	2	365 - 367	6 - 12			
			1973		365 - 366 - 367 - 368 - 369 - 370 - 372	7 - 8 - 9 - 10 - 12 - 13 - 14 - 15 - 16 - 17 - 18 - 19 - 20			
	edgar faure	aprender a ser							
	theo dietrich	la pedagogie socialiste - fondements et conceptions	1973	2	372 - 373	21 - 22			
	paulo freire	ação cultural para a liberdade e outros escritos	1976	1	374	23	o papel educativo das igrejas na américa latina		
	abraham moles	a criação científica	1971	2	375 - 377	24 - 25			
	mao tsé-tung	obras escolhidas de mao tsé-tung	1981	1	378	26	"sobre a prática"	x	
	mao tsé-tung	sobre a contradição	1981	3	387	27 - 28 - 29		x	
			1973	11	393 - 394 - 395	30 - 31 - 32 - 33 - 34 - 35 - 36 - 37 - 38 - 39 - 40			
	ph. bassine	le problème de l'inconscient							
	jean laplanche	vocabulário da psicanálise	1974	1	397	41			
07 cap. 7: projeto de um acampamento de obra									
	-								
			variação de 2-3 décadas ; exceto pelo dicionário de 1932						

Figura 1. Tabela com todos os autores citados por Rodrigo Lefèvre. Elaboração da autora.

